

CADERNO DE JORNALISMO ESPORTIVO

40 CRÔNICAS

Organização
Luciano Maluly
e Marcelo Cardoso

2ª edição



ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO



“O esporte que mostra as nossas mazelas também
pode nos oferecer o espaço para a redenção.”

Anderson Gurgel Campos

Para Liana Vidigal Rocha

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação – Escola de
Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

Caderno de jornalismo esportivo / Luciano Victor Barros Maluly, Marcelo
Cardoso (Orgs.). 2. ed. - São Paulo: ECA-USP, 2016. 101 p.

ISBN 978-85-7205-161-3

I. Jornalismo esportivo I. Maluly, Luciano Victor Barros II. Cardoso, Marcelo

C I22m

CDD 2.ed. – 070.449796

Autorizo a reprodução e a divulgação total ou parcial deste
trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para
fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

SUMÁRIO

10 INTRODUÇÃO

DIAS INESQUECÍVEIS

12 MUITA COISA EM JOGO

Alexandre Borelli de Mello

13 CESTA DE TRÊS PONTOS

Ana Carina Marcelino e Silva

15 NO NOSSO ESTÁDIO

Bruna Ancelmo de Freitas

17 UM DOMINGO QUALQUER

Bruno Endo

20 A REVOLUÇÃO

Domingos Salatine

22 UM DIA DE HERÓI

Eduardo Rigonati

24 O JOGO DE FUTEBOL DAS SEXTAS-FEIRAS

Gabriel Jardim de Souza

26 UM GOL DE FINAL

Gabriel de Melo Hachul

27 A FORÇA DO HULK

Gideão Idelfonso

29 CRÔNICA NOTURNA

Ivie Porto

32 AMOR DE INFÂNCIA

João Victor Escovar

36 O DIA EM QUE UMA UNHA ENCRAVADA FEZ UM GOLEIRO

Lázaro Campos Júnior

39 A MAGIA DO ESPORTE

Luiz Fernando Antonelli Galati

41 CABEÇADA

Marco Antonio Padron Varela Filho

42 O CONTRA

Matheus Gonçalves Santos

45 BATALHA CAMPAL

Murilo Facco dos Santos

47 PRIMEIRA PEDALADA

Ricardo Almeida

49 A PRIMEIRA CHUTEIRA NÃO SE ESQUECE

Rodrigo Passos Peraita

50 A ARTE DE MERGULHAR EM OPORTUNIDADES

Tamires Santana Pereira Silva

51 LUGAR DE MULHER É NO GOL

Vera Amaral Gama

52 O JOGO DA MINHA VIDA

Veronica Reis Grether

54 DOMINGO

Victor Lacalendola Pecosqui

57 UMA HISTÓRIA DA MINHA INFÂNCIA NA DINAMARCA

Yasmin Svea Noregren

MUITO MAIS QUE TORCEDORES

60 AQUELE TIME INESQUECÍVEL

Álvaro Logullo Neto

62 ENTRE ONDAS SONORAS E UMA PAIXÃO

Camilla Freitas Soares

66 FALTA

César Marangoni

68 UM SONHO, UMA VIRADA E UMA PAIXÃO

Diogo Magri

71 E O AMOR PELO FUTEBOL?

Felipe Atilio P. Tredezini

73 FUTEBOL DO CONTRA

Felipe Ribes

75 RUMO A TÓQUIO

Guilherme Melo Kalil

77 TAL PAI, TAL FILHO

Guilherme Torres Corrêa

79 O GIGANTE CAIU

Matheus Correia Peres

81 AYRTON SENNA DE TODOS OS SILVAS

Natália Belizario Silva

84 O DIA EM QUE EU ME APAIXONEI

Nicole Ferreira Fernandes

86 ASFIXIA DA DERROTA

Pedro Godoy

87 O LANCE DA MINHA VIDA

Pedro Henrique Silva

90 AMANHECENDO

Rafael Castino Florio

93 PEQUENA QUADRA, GRANDES LEMBRANÇAS

Rafael Battaglia Popp

95 OS ÚLTIMOS SERÃO OS PRIMEIROS

Rafael de Oliveira Paiva

99 A INFÂNCIA ERA MAIS DOCE

Sérgio Barbosa Junior

101 REFERÊNCIAS

INTRODUÇÃO

A disciplina CJE 0634 – Jornalismo Esportivo: a pauta além do futebol é oferecida sempre no segundo semestre para os alunos da Universidade de São Paulo. O grupo é formado por estudantes do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, assim como colegas da própria Escola de Comunicações e Artes, das demais unidades da instituição e da Terceira Idade.

A primeira atividade do curso está relacionada à iniciação ao texto jornalístico. A tarefa é a descoberta das habilidades, tendo como referência o conhecimento prévio das práticas esportivas e das atividades físicas. O recurso utilizado é a produção de crônicas vinculadas às lembranças sobre um acontecimento ocorrido durante a infância e que marcou a vida de cada um no esporte. Trabalha-se com o cotidiano e com o reforço da memória, estimulando, assim, a descoberta por meio da imaginação e, é claro, pelas palavras. Saíram desse universo textos engraçados e outros dramáticos, mas que – como solicitado – deixassem uma mensagem para os leitores.

As crônicas se concentraram em dois focos, com um deles intitulado *Dias Inesquecíveis*, sobre pequenos momentos vivenciados como atletas, em família ou com os amigos, e *Muito Mais que Torcedores* sobre situações e emoções dos jogos, equipes e ídolos. Logo, esperamos que você se divirta com os textos dos alunos, sem cobrança, porque sempre “levamos a vida na esportiva”.

A organização do Caderno de Jornalismo Esportivo é do professor Luciano Victor Barros Maluly, que é responsável pela disciplina, com a colaboração do jornalista e professor Marcelo Cardoso. A capa é de autoria de Fernando Molina e a edição de Sophia Izaias, a quem agradecemos o apoio para a realização de mais esta edição.

Boa leitura!

DIAS INESQUECÍVEIS

MUITA COISA EM JOGO

Alexandre Borelli de Mello

Lembro, como se fosse hoje, de um jogo que ocorreu pela categoria sub-13 alguns anos atrás. Domingo quente e com muito sol no Clube Paineiras, pelo qual eu jogava. Do outro lado tínhamos o Clube Atlético Monte Líbano. Era final do campeonato interclubes. Eu era o atacante do time e contava com alguma responsabilidade. Jamais gostei da camisa 9, acho que sempre me forcei a ser diferente na vida (mesmo que sem um porquê).

O jogo se mostrou muito disputado e no primeiro tempo houve uma bola na trave para o Monte Líbano. O Paineiras não estava em seu melhor jogo e tampouco eu, que sofria com a marcação de um zagueiro, uns 30 quilos mais pesado. No segundo tempo acertei dois chutes fortes no gol, mas o goleiro era bom, então me restou deixar um companheiro na cara do alvo, porém meu colega chutou para fora.

Findado o tempo normal, era hora da prorrogação. Eu olhei para a arquibancada, afinal, o meu pai estava assistindo ao jogo e, como em todas as poucas vezes que ele foi me ver, estava lendo um livro. Meu pai sempre gostou de futebol, mas às vezes trata os filhos de maneira superficial e isso ficava evidente em meus jogos. Depois de alguns anos jogando, percebi que tinha de fazer por mim e carrego isso comigo para vida, até hoje.

Depois de refletir alguns minutos sobre a minha relação com o meu pai, fui para a prorrogação. Todos em campo estavam exaustos, porém, faltando alguns minutos para o fim, eu recebi uma bola, fiz o pivô em cima do “zagueiro-monstro” e acertei um forte chute rasteiro no canto do goleiro.

“Gol!”, gritava a torcida. Que felicidade! Que misto de sensações ao olhar para a torcida! Mas o que realmente gritava, era o silêncio do meu pai.

CESTA DE TRÊS PONTOS

Ana Carina Marcelino e Silva

Era uma tarde comum e uma turma de alunos jogava basquete, concentrados dentro de uma quadra fria. Lá fora era mais um dia ensolarado e quente de primavera. Crianças corriam entre as árvores, gritavam em euforia sem motivo e jogavam água de bebedouros para todos os lados. Parques gramados e floridos, cheios de gente falante que caminhava e de cachorros barulhentos. Todos pareciam se divertir, com exceção daqueles alunos. Estavam dentro da quadra, no módulo fechado, focados na prova final de Educação Física que encerraria o trimestre.

Eu estava lá, sentada no banco dos reservas, mordendo furiosamente o lábio. Minhas notas na disciplina nunca foram das melhores e eu dependia daquele jogo para ser aprovada. Uma voz estridente soou ao fundo e eu voltei à realidade. Olhei para os lados e notei que a professora sinalizava veementemente para mim. Aquela era a minha deixa.

Respirei fundo e me levantei, enquanto um de meus colegas deixava a quadra. Entrei no jogo decidida a fazer uma cesta. Eu me movia, tentando ao meu máximo realizar todas as funções possíveis em um jogo de basquete. Tentava bloquear, roubar a bola, passá-la, marcar os jogadores do time rival, porém, eu não conseguia dominar a grande esfera laranja com listras pretas.

Faltavam apenas alguns minutos para a professora soar o apito e, afinal, eu ainda não fizera o que pretendia. Maldisse baixinho todos os anos de sedentarismo acumulados que possuía e voltei a me concentrar no jogo. Parti para cima de uma garota baixinha que pertencia ao outro time e peguei a bola. Tudo ao meu redor pareceu congelar.

Eu estava na metade da quadra e a bola estava comigo. Finalmente poderia marcar a tão sonhada cesta. Franzi o rosto, numa expressão determinada, e comecei a correr enquanto batia a bola no chão. Eu encarava a cesta tão fixamente que mal via qualquer coisa ao meu redor. Talvez pela

concentração exagerada, ou mesmo por minha notável falta de direção – jamais saberei dizer –, acabei não notando que, exatamente na minha frente, havia um largo e alto garoto, pronto para me bloquear. O resultado foi desastroso: corri de encontro a ele e dei de cara com o seu torso. Foi como correr contra uma parede. Eu pude ouvir o pequeno estalo do meu nariz ao se chocar com o ombro do gigantesco menino, antes que meus sentidos sumissem por alguns instantes.

Abri os olhos. Os meus colegas de classe me cercavam e eu continuava deitada no chão da quadra. Sentia uma dor aguda no meio do rosto e uma tontura estranha. Levei a minha mão ao nariz e ...sangue. Ergui as sobrancelhas, abismada com a minha capacidade de ser tão desajeitada. A professora decidiu encerrar o jogo, enquanto os meus colegas me ajudavam a levantar e me davam algo para estancar o sangue.

– Fez um bom trabalho! – Ela disse, não escondendo a expressão penosa.

Tudo o que eu conseguia fazer naquele momento era acenar com a cabeça, muito atordoada. Deixei a aula e fui para o médico onde descobri que havia fraturado o nariz. Tomei três pontos na parte interna do nariz. Antes de terminar o dia, a professora enviou por e-mail as notas finais. Percebi que fazer uma cesta não me garantira, mas, quebrar o nariz me entregou de bandeja uma nota dez. A cesta nunca efetuada, afinal, valeu por três e ninguém poderia dizer que não me sacrifiquei pela nota.

NO NOSSO ESTÁDIO

Bruna Ancelmo de Freitas

Passávamos a semana inteira esperando pelas terças e pelas quintas-feiras, dias em que a quadra da escola era destinada para as meninas jogarem futsal. Eram cerca de 12 jogadoras espalhadas na quadra, se divertindo, jogando com poucas regras, mas, com alegria de sobra. Ali, durante aquela meia hora de intervalo, surgiam chutes, gols, comemorações e muitos talentos descobertos. Ia-se contra qualquer paradigma de que o futebol era um esporte masculino e que meninas preferiam mesmo era jogar vôlei ou apenas passar o recreio conversando.

Além das partidas descontraídas quando houve jogos interclasse, logo uma nova modalidade foi criada: o futsal feminino conquistava o seu espaço naquela escola. Equipes prontas. Jogar ali, naquela pequena quadra, parecia um grande campeonato europeu e o sentimento de felicidade era inexplicável. Eu, dentro daquela quadra, me sentia a própria Marta, com contra-ataques, dribles e tudo mais.

A torcida só deixava tudo mais empolgante. Nossos amigos, mesmo sendo crianças de até 12 anos, torciam como gente grande. Ali não havia distinção entre futsal feminino e masculino. Confesso que as meninas criavam mais brigas, faltas e confusões. A competitividade ali se expunha de forma bem clara entre rabos de cavalo se movimentando e unhas que, vez ou outra, causavam pequenos acidentes.

Não tardou para que criássemos nosso próprio time e pudéssemos treinar em um horário específico. Mesmo praticando outros diversos esportes, nunca algo se assemelhou àquele frio na barriga. Infelizmente, quando fui para o ensino médio, essa paixão se perdeu porque as meninas com quem convivia acabaram se rendendo aos paradigmas que antes foram quebrados na minha antiga escola. Passei os três anos apenas me exercitando na academia.

Ao começar a cursar a faculdade, entretanto, em uma das tardes em que fui presenciar a partida de futsal dos meninos da minha sala, um deles faltou. Sem outras opções fui selecionada (depois de um longo tempo) para entrar no jogo. Mesmo sem a prática antes conquistada, o sentimento de felicidade ao entrar em quadra pouco havia mudado. A performance não chegava perto daquela guria do ensino fundamental, confesso, porém, estar ali me lembrou de como é preciso pouco para ser feliz. Alguns dias depois fui chamada para completar o time da minha sala em um dos campeonatos. É, ... nem tudo havia mudado.

UM DOMINGO QUALQUER

Bruno Endo

Acordo. Não é um dia normal e todo treinamento, diversão, dor e alegria serão resumidos naqueles minutos e, se tudo der certo, aos próximos e aos que virão depois deles. Não tenho claro comigo mesmo se gosto de competir, se quero chegar ao ponto mais alto do pódio, se isso é importante. Durante o traslado não converso com os meus pais e nem com o meu irmão. Será que o ouro é importante para o meu pai? Quero vencer.

Que confusão. O lugar está lotado e as informações estão todas concentradas nas mãos de duas pessoas que não conseguem lidar com o seu próprio nervosismo, ainda mais com as emoções dos competidores. Encontro meus amigos, colegas de treinamento. Estou mais calmo. Quero vencer?

Já sei onde será a minha luta e o seu horário. Estou tranquilo. Não quero vencer. Isolo-me para começar a concentração para a luta e meu pai será o juiz ao lado de onde lutarei. Quero vencer para o meu pai. Todos os competidores se juntam em volta da mesa onde acontecerá a luta, somos dezesseis ao todo. O nervosismo está de volta. Quero vencer.

Rapidamente faço amizade com o lutador do meu lado e esqueço da competição. Serei o quinto a lutar. A primeira luta começa e junto com ela se inicia uma gritaria incontrolável, com xingamentos e vaias destinadas a um dos lutadores e vindos de uma mulher na beira do tatame. Isso me incomoda, novamente fico nervoso. A luta acaba e a ira da mulher parece ter surtido efeito: o competidor que venceu a luta mal cumprimenta o outro lutador e sai gritando em direção a mulher, afirmando que é o melhor.

Chega a minha vez. Não prestei atenção na luta anterior, em vez disso, observei a excêntrica dupla e o seu comportamento. Após o término da luta eu estava mais incomodado com algo que acontecera fora dela: a arrogância com que se portavam e como tratavam as pessoas ao seu

redor. Posiciono-me no centro do tatame e espero a chegada do outro lutador. Tento, neste momento, evitar pensar na dupla e focar na luta. O treinamento parece ter surtido efeito e, sem muitos problemas, passo para a próxima fase. O novo amigo também prossegue, sem muita dificuldade, e voltamos a conversar.

Com o fim da primeira fase o grupo é reduzido pela metade e o primeiro lutador volta ao combate. Com a sua luta vem junto uma agressão verbal destinada ao adversário, mas, com a pequena diferença de que agora, além dos xingamentos, surge uma exaltação exacerbada para o filho daquela torcedora que grita. Fico muito incomodado. Novamente a estratégia funciona e o filho da torcedora ganha a luta por uma vantagem de um koka. Quero derrotá-lo. Continuo observando o comportamento dos dois e me irritando ainda mais com o progresso dele. O comportamento da dupla piora e os dois se portam de uma maneira ainda mais arrogante.

A minha vez chega novamente. A luta é mais complicada do que a anterior, mas passo adiante após imobilizar o meu adversário. A próxima luta será contra o novo amigo. Volto a ficar nervoso. No começo da nova rodada o comportamento da mulher volta a piorar, contudo, desta vez não presto tanta atenção porque o meu pensamento está na próxima luta. Novamente o “filho” sai vitorioso, passando para a final. Quero vencer.

Chega o momento da luta. Começamos nos estudando, com cautela disputamos a pegada, sobressaio e consigo uma boa posição das mãos. Após algumas investidas, mas sem sucesso de ambos, consigo me posicionar e aplico um balão perfeito. Ippon! Após prestarmos reverência, saímos do tatame conversando e o amigo se mostra entusiasmado pela luta, elogia a realização do golpe, me animando muito. Quero vencer!

Chega o momento decisivo. Após todas as lutas que ocorreram, sei que terei de ganhar da mãe e do filho. Quero vencê-los. Começa a luta e meu adversário avança como um caminhão e, ao mesmo tempo, sua mãe começa com as hostilizações. Defendo-me e começo a estudá-lo e isso parece irritar mãe e filho. Mantenho essa estratégia até o momento

em que percebo uma abertura quando aplico um uchi-mata, recebo um waza-ari e caio em cima dele, imobilizando-o. Neste momento o comportamento da dupla muda drasticamente: tanto o lutador quanto a mãe dele começam a chorar.

Meu adversário pede para soltá-lo e sua mãe me acusa de machucar o filho. Começo a afrouxar a imobilização, mas o juiz intervém e avisa que a luta ainda não acabou. Volto a apertar e espero o sinal do juiz. Ao término da luta cumprimento meu adversário e vou na direção do meu pai que me recebe com um belo sorriso e com a seguinte pergunta: “Divertiu-se?”. O importante para ele era que eu me divertisse.

A REVOLUÇÃO

Domingos Salatine

No ano da revolução de 1964 eu tinha 12 anos e aconteceu algo relacionado ao futebol que ficou marcado em minha memória. O fato ocorreu na pequena cidade de Florínia, nas proximidades do Rio Paranapanema, na região de Assis, no interior de São Paulo. O meu pai era arrendatário de sete alqueires de terra que eram desbravados com auxílio dos seis filhos – quase todos menores – e com força braçal e a utilização de animais. Todos nós gostávamos de futebol, mas não tínhamos poder aquisitivo para comprar uma bola. Minha mãe fornecia um pé de meia e também retalhos de pano das sobras de confecção de calças e camisas e, assim, a gente conseguia fabricar “bola de pano” que, geralmente ficava com formato “oval”.

Ao lado do nosso casebre de sapê havia uma área de pastagem cercada com arames farpados. O meu pai mantinha no local alguns animais (burros, cavalos, vacas e bezerros). Íamos para a escola no período da manhã e na parte da tarde auxiliávamos o meu pai na lavoura. Quando eu e meus irmãos voltávamos do trabalho, imediatamente montávamos as traves com dois tijolos de cada lado. Deixávamos um espaço de 50 centímetros entre uma trave e outra. Dividíamos ali mesmo a equipe com dois ou três para cada lado, porém, sem goleiros. Quase todos os dias jogávamos futebol com a bola de pano até o escurecer.

Eu gostava de driblar meus adversários imitando Garrincha, Pelé e outros que eram os caras da época e que eu conhecia por meio de figurinhas, porque não tínhamos nem rádio. Um belo dia deixei minha camisa nova de mangas compridas sobre a cerca e, envolvido com o futebol, não percebi que uma das vacas abocanhou a roupa. Logo que o futebol encerrou, percebi a falta da camisa e fui até os animais onde enfrentei uma vaca, que recém ganhara seu bezerro, para conseguir retirar da sua boca apenas as mangas. O restante foi mascado pela vaca. Minha mãe

presenciou a cena e, por isso, levei uma grande surra com rabo de tatu. Após o fato eu passei a jogar futebol vestindo somente calção. Deixava a camisa guardada em casa.

UM DIA DE HERÓI

Eduardo Rigonati

Jogos Regionais do Interior de 2014. Modalidade: xadrez. Sei que você já está com vontade de parar de ler, afinal, o que são jogos regionais? E xadrez é um esporte (SIM! UM ESPORTE!) tão parado... Mas dê uma chance porque a história ficará boa. Esta competição é como uma olimpíada entre as cidades do Estado de São Paulo. Esclarecido o primeiro entrave, vamos à emoção.

Jogava por uma equipe de uma cidade muito pequena chamada Francisco Morato, sem muitos investimentos e recém-subida à primeira divisão dos jogos. O puro amor à camisa, tão esquecido hoje, movia nossa equipe formada por jogadores principiantes. Aqui vale uma explicação: o xadrez é disputado por equipes de oito jogadores, sendo quatro titulares e quatro para revezarem durante o torneio (numa mesma partida não há substituição). Somente eu e outros dois companheiros tínhamos mais experiência e disputávamos contra verdadeiros esquadrões com atletas contratados, experientes e da elite do xadrez (muitos mestres no esporte). Diante do fato, éramos o patinho feio do campeonato e sem nenhuma expectativa, é claro.

Os dias, porém, foram passando e fomos conquistando triunfos inesperados e até alguns pontos milagrosos. Resultado: no último dia lutávamos pelo bronze contra o município de Caraguatatuba. (Aqui vale outro esclarecimento: no xadrez não funciona o sistema de mata-mata, mas de pontos corridos). Daí você me pergunta: toda esta empolgação por um terceiro lugar? SIM! Imagine o Taiti almejando uma conquista desta na copa do mundo de futebol. Impossível, não é mesmo? Esta é, então, a dimensão! Porém, era um confronto de Davi e Golias e, no xadrez, as zebras não costumam dar o ar de sua graça. Bem, precisávamos de um 2 a 2 e a cidade toda (a população de Morato não é lá muito grande) esperava o milagre e a primeira medalha da primeira divisão para o município.

O duelo começa!

Perdemos rapidamente a primeira partida, mas a derrota já era esperada por ser o nosso jogador um dos principiantes. Com uma hora de jogo, porém, um grande baque: nosso melhor jogador é derrotado! 2 a 0 para o adversário e o pequeno Davi agoniza. Eis uma surpresa: ganhamos uma mesa dada como perdida! 2 a 1 e só resta a minha partida. SIM! SIM! Como uma boa história de Davi e Golias eu derroto meu oponente, empatamos 2 a 2 e levamos o bronze!! Nunca vi aquilo no xadrez, em um ambiente tão calmo e silencioso, a nossa torcida, não acostumada com o esporte, grita, comemora e explode em alegria! Quase somos penalizados pela arbitragem devido à conduta (imagina que tragédia?), mas, felizmente, conseguimos nos controlar e fomos berrar longe do local. Mais tarde, no pódio, me sinto um herói! Ninguém acredita no que vê, nem mesmo eu! Falei que o xadrez é emocionante!

O JOGO DE FUTEBOL DAS SEXTAS-FEIRAS

Gabriel Jardim de Souza

Na oitava série meus amigos e eu criamos um passatempo após as aulas de sexta-feira, que, com o tempo, se transformou em uma rotina. A paixão comum por futebol nos unia em todas as tardes das sextas-feiras para jogar o esporte na pequena quadra do prédio onde eu morava. Por motivos que não possuem grande importância para relatar aqui, uma regra do condomínio permitia que o morador trouxesse até três visitantes para a quadra. Foi assim, com o quarteto mais improvável, que criamos o nosso time que competia com os outros garotos (e às vezes os pais deles) pelas vitórias naquela pequena quadra.

A caminhada que antecedia a nossa chegada ao prédio passava por uma pequena pastelaria. Com o tempo, paramos de comer no colégio para almoçar na pastelaria que se tornou o local para nossa concentração pré-jogo. Parecia ingenuidade não pensar que comer tantos pastéis deixaria o nosso jogo pior, nos faria passar mal ou coisas assim, mas, para nós quatro, aqueles pastéis eram o nosso combustível para as longas horas que teriam incontáveis partidas.

Permanecer na quadra era um desafio constante. Os adversários não eram apenas garotos como nós. Como eu disse antes, as coisas ficavam tensas quando os pais vinham jogar também. As partidas amistosas se tornavam batalhas para vencer, uma vez que o time perdedor teria que esperar três ou até quatro outros jogos para ter a oportunidade de jogar novamente. Nunca questionamos porque continuávamos a jogar nessas condições, porque não jogávamos em outro lugar com menos pessoas e por mais tempo etc. Acho que o motivo principal estava na vitória. Uma vitória ali era tão gloriosa quanto assistir o seu time ganhar um clássico. E a chance de manter uma série de vitórias era como ganhar um campeonato.

Claro, sabíamos que na realidade não era assim, mas este era o mito que criamos para o nosso futebol nas tardes de sextas-feiras. Jogávamos em outros dias, mas só nas sextas-feiras o jogo era tão disputado, emocionante, memorável. A tradição durou até quando paramos de acreditar no mito. Assim como as crianças deixam de acreditar em Papai Noel quando crescem, deixamos de crer que o futebol era a melhor coisa que tínhamos a fazer no nosso dia a dia. Ainda hoje, porém, sinto falta do gosto dos pastéis, da comemoração de cada gol, dos momentos únicos que eram criados em cada um destes dias naquela pequena quadra.

UM GOL DE FINAL

Gabriel de Melo Hachul

Era dia da grande final do campeonato intercolegial e, como já era de se esperar, não poderia ser mais um dia de aula comum. Os craques já acordavam pensando no jogo. O grande dia havia chegado! À medida que as horas se passavam, mais ansiosos ficávamos à espera do grande momento. As aulas pareciam infinitas e o tão esperado intervalo, ou melhor, apito inicial, parecia não chegar nunca. Soa o sinal do recreio, é hora do jogo! As equipes desciam concentradas para a quadra central. Em volta da quadra as torcidas, compostas pelos alunos, já estavam formadas e prontas para apoiar suas respectivas séries.

É dia de 2º contra 3º ano, um verdadeiro clássico. Para nós, que íamos jogar, naquele momento a quadra central era maior que o Maracanã. Durante o jogo a tensão só ia aumentando. A cada dividida, a cada carrinho, a cada chute, a partida mostrava-se digna de uma final. Foi quando recebi a bola na cara do gol. Sabia que não podia errar. Chute alto, no canto, Gol! 1 a 0 para o 2º ano!

O gol, entretanto, não diminuiu a tensão do jogo, que continuou nervoso até o final. Últimos minutos da partida. Tudo parecia definido, até que o juiz dá pênalti para o 3º ano. Era a última chance e a torcida se calou. Na nossa cabeça, o gol deles já era certo e teríamos que jogar a prorrogação. Eu prefiro nem olhar. Foco na minha torcida, espero, e vejo a comemoração: bola na trave! Fim de jogo, somos campeões. Soa o sinal do intervalo, hora da aula, mas tudo o que queremos é ficar na quadra, lembrar dos lances e eu, recordar do gol. Um gol para lembrar, um gol de final.

A FORÇA DO HULK

Gideão Idelfonso

Aqui o assunto é várzea. O mundo ecoa a partir daquela arquibancada. O assunto aqui, também é futebol. A arena Palmeirinha, em Paraisópolis, na zona Sul de São Paulo, estava inflamada, era uma torcida apaixonada. Lá estive durante toda minha infância. Em um dia ensolarado, porém, a lotação era máxima. Era a final de copa do mundo, me questionava? Não. Era a Copa da Paz. Hulk, nossa maior mascote, nos trazia a esperança de o Palmeirinha conquistar a primeira copa regional expressiva. Eu grito, pulo, vou ao ritmo dos tambores: de hoje não passa, é nosso, Chico.

A casa estava cheia, não só os apaixonados de PZS CITY, como chamávamos, mas também o rival de peso, 9 de Julho, que trazia sua torcida fiel de todas as colonizações dos campos de várzeas ao longo do campeonato. O time tão amado da Casa Verde. Futebol na quebrada é assim, uma experiência lúdica fantástica. O samba come solto. Amigos, novos amigos. Apita o árbitro e tal espetáculo começa.

Aos cinco minutos de jogo Fumaça, nosso Pelé, entra na área, chuta forte e acerta o travessão de Goiaba: ataque cardíaco na torcida do 9 de Julho. Aos 15, Cafuzinho toma solada dentro da área e pênalti! O juiz manda seguir. Torcida da casa emana: “Ei, juiz, vai tomar Caju”. Domingo, 16 horas é assim: um calor intenso. Desidratou. O time da Casa Verde se impõe. Zói de Gato avança pela direita, manda uma sapatada, mas nosso defensor Juninho voou e fez o inacreditável. Segue o jogo. Fim da primeira etapa. Jogo pegado, juiz média ao extremo e a partida não corre. O time de Paraisópolis não desiste, torcida... esse era o amuleto, me senti como um.

O time do 9 de Julho, favoritaço, se impôs na volta do segundo tempo e com boas chances quase abre o placar. Um drama que só Galvão poderia expressar. Goiaba estava impossível. O time da zona norte tinha um defensor seguro. O clima fica tenso, desesperador, final do segundo

tempo. Pela regra regional, vamos direto para os pênaltis. Fico louco, desesperado, mas confiante com fé da torcida de Paraisópolis... se não for hoje, não será amanhã.

A primeira tentativa de conversão foi do 9 de Julho. Foi fatal. Fumaça iguala, os deuses do futebol existem. Juninho voa como um gato e pega a primeira e a torcida chora, o tão sonhado título está próximo. Por fim, Juninho se consagra e pega mais um... que resulta em um final de 4 x 3 para o time da casa. A torcida enlouquece, invade o gramado e estou na carreata. É o primeiro título importante da casa. Chiquinho, presidente da maloca, impõe hoje ao jornal popular comunitário: “a festa é nossa e a trajetória tornou-se um oásis no deserto”. A moda de pão e circo é retrógada... na Arena Palmeirinha torcedores levam o futebol como um estado de espírito.

CRÔNICA NOTURNA

Ivie Porto

Aquele era o meu acampamento preferido. Eu ia em todas as temporadas. Na entrada havia uma descida enorme. Aqueles vários carros enfileirados, descendo devagarinho, repletos de famílias alegres e filhos torcendo para a semana de acampamento começar logo. Despedidas da família, passagens pelos vários grupos de cadastramento, grupos de amigos que não víamos há muito tempo. Relativamente muito tempo porque, às vezes, há apenas seis meses, o que para nós era uma eternidade.

Era hora de escolher os quartos. Várias pessoas conversando, combinando em qual quarto iriam ficar e dizendo que todos tinham que ficar juntos. Começava, então, a semana. Todas as palestras, cultos e jogos eram relacionados ao mesmo tema. Obviamente eu participava de todas as trilhas, de todos os esportes e, durante o horário livre, eu não era do grupo porque ficavam sentados falando sobre a vida. Pulava da tirolesa, jogava basquete, vôlei, futebol e, obviamente, nadava no lago ainda que estivesse tão frio que saíssemos roxos da água.

Depois do banho, de noite, não jogávamos mais bola. Ao menos não daquelas grandes que se enche com uma bomba de ar. Jogávamos pebolim. Já tínhamos os times formados. Eu jogava na defesa, como no futebol, em que sempre sou zagueira. Começavam então os clássicos. Aqueles que perduraram durante as temporadas em que frequentamos o acampamento. Diga-se de passagem, que alguns clássicos ainda são disputados nos pebolins da vida que encontramos em algum canto por aí. Naqueles feriados bons em que revemos os amigos de infância; em que lembramos dos velhos tempos sem preocupação. Ou melhor, com a preocupação de matar saudade e de ser o time com melhor pontuação da temporada. Os nomes dos times eram os melhores: Lions, Teriaki, Bulls, Vuvuzela... A criatividade superabundava.

Era então, no meio da semana, o dia mais esperado. A brincadeira noturna na qual adentrávamos a floresta pelas trilhas dos quartos antigos. Os policiais à espreita. Tínhamos que fugir senão seríamos penalizados. O objetivo? Passar por todas as bases aliadas sem ser penalizado mais que três vezes pelos policiais. Cumprimos os mais diversos desafios. Descemos pelo riacho sombrio e enlameado, mergulhando num lago repleto de criaturas desconhecidas e...

– Ahhhh! Levamos um susto, mas era só uma das meninas menos aventureira assustada com um sapo.

Chegamos, então, a uma prova decisiva. A escolha era entre fazer três cestas de três pontos ou cinco de dois pontos. As meninas começaram a discutir o que seria melhor e se eu iria cumprir a prova. Eu me dispus a ir sob uma condição: somente se fôssemos disputar no arremesso de três pontos. Três pontos? Mas como assim? Você consegue? Pesava (e continuo pesando) entre 47 quilos e 51 quilos. Tenho 1,64 metros.

– Eu vou no arremesso de três! Falei convicta. Obtive então o apoio das garotas. Concentração. Está escuro. Preciso mirar bem na cesta. Tenho apenas dois minutos para cumprir a prova. Respiro fundo. Oro. Começo a bater a bola. Ajeito ela na mão. Apoio com a esquerda, força na direita.

– Lembre-se que você não pode cruzar as mãos ao arremessar! A voz da treinadora ecoa na minha cabeça. Em alguns segundos a bola estava no ar, descrevendo uma elipse pelo céu, acertando o quadrado da tabela e... Cesta!

Alguns segundos se passaram.

Alguém me devolve a bola. Tempo passando, gotas de garoa caindo do céu sobre minha cabeça. Mais duas, mais duas. Foco. Bato a bola no chão. Seguro, flexiono as pernas. “Não cruze os braços ao arremessar”. Bola, noite, céu, chuva, cesta!

É o último arremesso. O tempo está acabando. É agora ou nunca. Os olhares das meninas – eram cerca de dez amigas – estão vidrados em mim. É agora ou nunca. Tem que acontecer. Flash de segundos, garoa, preparação para o último arremesso. Estava tudo em minhas mãos: a

bola, o jogo, o arremesso da vitória ou da derrota. Peço ajuda a Deus mais uma vez. É só uma brincadeira noturna, mais uma brincadeira noturna. Por favor, eu queria tanto conseguir. Não quero decepcionar as meninas. Bola, ar, respiração apreensiva, rodopios... instantes simultaneamente curtos e longos.

– Cesta! – Alguém brada.

– Corre, pega o carimbo da base aliada e vamos para a próxima.

Passamos por mais algumas bases, muita comemoração. Ouvimos a buzina que encerrava o jogo. Amanhã saberemos quem ganhou. Todas para o quarto. Tomo um banho para esquentar. Me deito na cama Que saudade daqueles acampamentos, quando eu tinha tempo para jogar, correr, pular, me esbaldar. Viro de um lado para o outro. Oro. Hora de dormir porque que amanhã tenho que estar na faculdade logo cedo.

AMOR DE INFÂNCIA

João Victor Escovar

Como sempre, eu era o goleiro. Mas desta vez, não estava só. Combinamos assim: eu jogaria o primeiro e o terceiro tempos e Teta jogaria o segundo. Desta vez, nada poderia dar errado. O jogo começa, como sempre, tenso. Eles eram muito melhores do que nós: tinham jogadores rápidos, habilidosos. Nós tínhamos o goleiro, mais alguns que se arriscavam. Pressão da turma da manhã. Olhares atentos das meninas. “Eles são uns bobos, uns nerds”, era o pensamento que tínhamos sobre o que pensavam elas. Em campo, um chocolate. Amargo. Posse de bola de mais de 70 por cento. Finalizações: de várias a zero. Mas nosso goleiro era bom, defendia tudo. Claro que não iria suportar o jogo inteiro assim. Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura. No primeiro tempo, não furou.

Segundo tempo e vou para a linha. Teta assume a baliza. Mas a baliza o rejeita. Ele começara a paquerá-la há pouco tempo, não tinha a mesma intimidade que eu. Para um compromisso tão sério, ela só confiava em mim, seu amante de longa data. Tivemos muitas frustrações um com o outro, mas a paixão com a qual eu a defendia, ignorando as críticas ácidas, como o doente ignora suas chagas, eternizou nosso amor. Três tempos de dez minutos. Ela não aguentaria ficar dez minutos longe de mim. Em apenas dois deles, com duas falhas de Teta, a turma da manhã contabilizava dois a zero no placar.

A turma da manhã sempre foi mais integrada socialmente. Como tinham a tarde livre, saíam com os amigos. Nós, da tarde, passávamos a manhã em casa. Eles eram mais famosos, populares, toda a cidade os conhecia. Nós éramos anônimos. Os jogadores que eles tinham eram famosos, e seu desempenho contra nós... Era humilhante. Em seis anos, seis vitórias para eles, algumas por goleada. A frustração de sermos uma turma excluída do resto se manifestava na partida anual: desejávamos,

treinávamos, fracassávamos. Eles começaram a namorar cedo. Queríamos jogar e namorar como eles.

O pensamento infantil se esvaiu. Agora éramos mais integrados, descolados, mas o sentimento de inferioridade prevalecia. Todos pensavam o mesmo. Só a vitória poderia nos redimir e deixar a frustração da infância para trás. Desde a definição das escalações, a agitação era nítida. Todos queriam jogar, queriam ser heróis, falavam de esquemas táticos como médicos de doenças e diziam: “temos que fazer gols”, assim como os doutores dizem “virose”. Não importava porque o espírito de decisão estava em cada um. O sonho era ser decisivo e ser abraçado pelos colegas. E receber olhares admirados das garotas.

Nossa equipe se abate. Talvez a única esperança fosse segurar o empate até o fim, ou, como dizem na televisão, achar um gol. Mas com dois gols a marcar, sendo fracos e desmotivados, parecia não restar mais esperança. O medo de tomar mais uma goleada humilhante força o público a clamar por minha volta à baliza. Teta, como o amante rejeitado, aceita. E a baliza sorri para seu amor, entre lágrimas pela traição, mas fecha-se com ele.

“Vamos fazer assim”, dizia meu colega, no dia da definição das escalações. “Colocamos os melhores no segundo tempo, já que o goleiro vai ser o Teta, assim dá um equilíbrio. Se precisar, mantemos eles no terceiro tempo”. Dito e feito. Como os fracos também tinham que jogar, os distribuímos nos tempos em que o goleiro era forte. Mas agora, no segundo tempo, o goleiro forte estava com os jogadores fortes, mesmo contra um time ainda mais forte.

Os convidados aplaudem o casamento do goleiro com a baliza. Prometem lhes dar a melhor de todas as festas. O disco vira. Oliveira, o mais contestado do time, faz uma jogada espetacular. Um chute forte, preciso. Dois a um. As esperanças da turma da tarde ressuscitam. Como um maestro, Oliveira orquestra a banda que toca no casamento para o deleite dos noivos desesperados. Os músicos entram em sintonia. O regente marca novamente: dois a dois.

A turma da manhã se aflige. Não foram convidados para a festa. Na tentativa desesperada de estragá-la, o tiro saiu pela culatra. Num contra-ataque, falha do goleiro adversário que invejava os nubentes, e sua baliza acolhe a bola chorada de nossa equipe. O impossível aconteceu: três a dois. Intervalo, decreta o árbitro, que também era professor.

Na semana anterior à partida o clima era de expectativa e de rivalidade para os dois lados, e de confiança, para apenas um. O deboche que nascia antes do almoço chegava aos nossos ouvidos, materializando-se no desejo de vingar-se, que, no entanto, era inimaginável de realizar-se. Os grandes sonhos, porém, vêm de desejos que parecem impossíveis. E era um grande sonho. Um trauma de infância a ser resolvido. Três a dois. O gosto dos risos já era perceptível.

O jantar estava quase pronto. Cozinhávamos o galo para saboreá-lo ao apito final. Assim foi o terceiro tempo. Ao menos seus nove primeiros minutos. No último minuto, porém, a equipe falha. Antes de decretar o casamento, o padre pergunta se alguém se posiciona contra ele. A turma da manhã se levanta inteira. Em coro, grita o gol que empata o jogo a alguns segundos do final. Três a três. Pênaltis. Cada equipe bate três. Em caso de empate, alterna-se a cobrança.

O noivo olha cauteloso para sua noiva. Seria o fim do amor, ou a mais perfeita das núpcias? O beijo espera por seis cobranças. Talvez mais. Talvez menos. Batem Oliveira, Teta e eu, o goleiro. Oliveira marca. Eles marcam. Teta vai para a bola, mas o adultério que cometera lhe vem à mente. Pra fora! O craque deles vem para a bola. Teta chora e é consolado pelos amigos. Ele queria uma festa inesquecível, mas seus erros podiam estragar tudo. Envergonhado, seu olhar encontra o do irmão que está no gol. O irmão devolve o olhar e o perdoa. Embora quisessem a mesma esposa, a baliza, ainda eram irmãos. Na cobrança, parecia que havia dois goleiros. Defesa. Os irmãos reforçam as pazes.

Agora o goleiro deve fazer a cobrança. Olha para a baliza que ama, mas ela está acompanhada do adversário. Não aceita. Gol! Volta para a amada para defender o último pênalti. O da vitória. O batedor chuta na

trave. Enfim, vencemos. Ainda não. O árbitro manda voltar, ainda não havia apitado. Agora sai o gol. Empate. Vamos para as alternadas.

O escolhido para a nossa cobrança é Santos. Ele marcara o terceiro gol. Com seu nome, carrega todas as bênçãos para os nubentes e, com o seu gol, dá mais uma oportunidade para que se consumam as núpcias. Mais um batedor vem até a marca. O goleiro reencontra sua amada. Balança seu corpo entre as traves num frenesi que antecede o ápice. Defesa. Todos correm ao seu encontro. Vivas, abraços e olhares das garotas. Mas seu único amor era a baliza. O vencido lamenta. Ele não tem identidade, assim como o pecador. Santos, porém, tem nome. O goleiro beija os postes: era um agradecimento à fidelidade de sua amada. Suas núpcias foram assistidas pelos convidados. A lua-de-mel também seria com eles.

O DIA EM QUE UMA UNHA ENCRAVADA FEZ UM GOLEIRO

Lázaro Campos Júnior

Mudar de escola é uma importante coisa na vida. Novos colegas e novos professores. Mas quando o adolescente gosta de futebol, essa mudança vem junto com uma nova aula de educação física. Esta, quando reflete a grande centralização esportiva do Brasil no futebol, se torna aquela pela-da semanal que os garotos se juntam. Fora uma extenuante prova baseada numa volta em torno da quadra, o professor da escola, que era amante do basquete, deixava o futebol democraticamente reinar soberano em todas as aulas.

Era o primeiro semestre do ano de 2011, eu me encontrava no nono ano. Minha experiência anterior em educação física havia se baseado em dois cenários. O primeiro foi no Colégio B, escola em que estudei desde a longínqua terceira série. Lá, desde cedo percebi que o sonho de jogar futebol como profissão seria apenas imaginação. Foi na mesma quadra que eu e meus colegas de sala descobrimos o futebol que eu não tinha. Não demorou muito a realidade foi estabelecida: era sempre um dos últimos escolhidos para o time. Foram longos anos de uma competitividade acima da minha habilidade. Isso até o segundo semestre do oitavo ano (sétima série).

Foi nesse semestre que deixei o solo campineiro para me instalar em Jundiaí. O Colégio C passava por reformas e o que restava à educação física era uma pequena quadra, em que pequenos postes de plástico serviam de traves. A minha experiência em chutar bola nas paredes do quintal de casa valeu a pena. De último a ser escolhido, tornei-me artilheiro da classe. Era gol de bico e de letra. Mas foi apenas um semestre. Chegava a Escola A sem posição fixa, era eu um artilheiro ou um perna de pau?

O jogar na linha não parecia o meu forte. O semestre anterior não pode apagar as indelévels impressões dos anos de ser continuamente o último a ser escolhido. Com a mobilidade bem reduzida na perna esquerda,

o andar claudicante impedia o desenvolvimento de técnica e habilidade futebolística. Dominar, passa e chutar apenas com a perna direita. Não bastava ser manco. Tinha que chegar a nova escola com a unha encravada. A dor não passava e a cada passo, uma nova “pontada” na região inflamada. A teimosia não permitia deixar a aula, mas jogar na linha era simplesmente inviável. A solução foi ser posto no gol.

Não me imaginava debaixo das traves, até porque já havia tentado cumprir o papel da posição anteriormente em jogos fora da escola e não obtive sucesso. A falta de mobilidade era conjugada com a baixa estatura, como um dos mais baixos da turma. Mas aceitei a posição. Não havia na classe muitos garotos que desempenhava a função e, numa turma dividida em dois times, quase sempre os mesmos todo a semana, a minha atribuição contribuiu para o meu time.

Minha memória não permite recordar com clareza todos os detalhes daquele jogo. Algumas coisas não se perdem, no entanto. O fato de meu time ter vencido e (se não me engano) ter sofrido um gol naquela partida são coisas das quais não me esqueço. Mas dois lances não deixo de lembrar. Os colegas do time adversário tinham o jogo concentrado em dois jogadores: Lucas, o garoto alto, de força física e com finalizações fortes, e Marcos, o garoto de habilidade, que tive que encarar duas vezes no cara a cara.

Nas duas ocasiões, ele vinha pelo lado esquerdo da área para finalizar com o pé direito. Mesmo sem a prática e a técnica apurada de alguém que frequentemente guarda o gol, fiz o óbvio: fechei-lhe o canto esquerdo da meta. Para finalizar bem, Marcos devia chutar colocado, com lado interno do pé direito, a pôr a bola, rasteiramente, no canto da baliza. Não conseguiu. O meu pé, aquele com uma unha encravada, desviou a bola suficientemente para tirá-la da direção do gol. Era a defesa da partida. Mas a situação se repetiu. Ele no lado esquerdo, eu fecho o seu ângulo esquerdo. Ele finaliza com o lado interno do pé direito e eu me estico para impedir. Não consigo. A bola, porém, caprichosamente beijou o pé da trave e saiu.

Quando se trata de educação física na escola, a primeira impressão é a que fica. Durante aquele semestre, a unha desencravou, eu sofri alguns frangos (que faz parte de outra crônica), mas a posição estava garantida. O teste final na posição viria com o interclasse. Mas esse eu não fui. Um semestre só durou minha experiência debaixo das traves. Em agosto, eu voltava à Campinas e ao mesmo colégio em que eu fui firmado com um perna de pau. Eu era um perna de pau ou um artilheiro? Na volta ao velho colégio, a partida com a unha encravada me lembrava da resposta adequada: eu era um goleiro.

A MAGIA DO ESPORTE

Luiz Fernando Antonelli Galati

Em 2007, com apenas 15 anos, eu já era aficionado por esportes. Estudava num pequeno colégio no bairro da Aclimação, na capital paulista. Estava na oitava série, que hoje chamamos de nono ano do ensino fundamental. Havia uma pequena quadra no local onde eram realizadas as aulas de Educação Física, mas, quando não havia aulas, sua utilização era permitida somente nos recreios de quartas e sextas-feiras. As turmas da escola eram extremamente reduzidas: as quinta, sexta e sétima séries não somavam cinquenta alunos, e a oitava tinha apenas quinze. Isso possibilitava que, quando autorizada, a prática de esportes no intervalo entre aulas fosse feita por quaisquer estudantes que quisessem, sem separação por idade ou por ano letivo.

Como em quase todo colégio de adolescentes, havia uma rixa entre os mais novos e os mais velhos, que era facilmente transferida para uma intensa rivalidade dentro de quadra. Praticavam-se apenas o handebol (sempre às quartas) e o futebol (sempre às sextas), pois, infelizmente, a prática de outras modalidades não era estimulada pela escola. Para cada um dos esportes montava-se um time com os melhores jogadores das quinta, sexta e sétima séries, que jogariam contra o time dos melhores jogadores da oitava série. Eu participava tanto do time de handebol quanto do de futebol – não porque eu era muito habilidoso, mas porque não havia tantas pessoas dispostas a jogar.

Por várias semanas uma sequência de acontecimentos repetiu-se incessantemente: a oitava série ganhou o jogo de handebol e os adversários mais novos ganharam o jogo de futebol. Não que eu estivesse satisfeito com isso, pois não me conformava com o fato de que perdíamos sempre para um time de “moleques metidos” (carinhoso apelido que dei a nossos adversários), mas, ao menos nosso time sempre ganha o jogo de handebol, pensava.

Eis que, numa quarta-feira, a oitava série perdeu o jogo. Não havia quem me consolasse – embora, em vão, muitos tenham tentado. Voltei para a aula como uma criança volta do estádio após ver seu time do coração perder: inquieto, assustado, inconformado. Só conseguia pensar em como fariamos para vencer o jogo seguinte, que era de futebol.

Em casa, mais calmo, decidi que deveria conversar com meus companheiros de time e, como nunca, incentivá-los a uma vitória no próximo jogo. E assim o fiz: durante a manhã inteira de quinta-feira importunei meus colegas dizendo que nós venceríamos a partida do dia seguinte. A sexta-feira chegou e, com ela, veio a ansiedade de quem parecia que jogaria uma final olímpica. O que importavam as aulas e os professores naquela manhã? Nada! Eu queria jogar futebol. Chegada a hora do recreio, fiz questão de chamar para a quadrinha todos os integrantes do meu time, um a um. A peleja começou e, até hoje, não me lembro de ter ficado tão alucinado numa partida de futebol como naquele dia: eu corria a quadra inteira, gritando como um louco!

Foi meu o primeiro gol do jogo. Lembro-me de ter dominado a bola no campo de defesa e chutado com toda a força que possuía. A bola bateu em uma ou duas pessoas antes de estufar as redes. Quanta alegria! Passei a achar que aquilo era um prenúncio de que venceríamos a partida. E vencemos: 8 a 7.

Talvez a felicidade que tomou conta de mim naquele dia não seja comparável a nenhuma outra alegria esportiva que tive na vida. Mas, e se o meu time tivesse perdido? Com certeza eu não teria experimentado, na ocasião, esse sentimento maravilhoso descrito, no entanto, sem dúvida, hoje minhas memórias não seriam tão especiais quanto realmente são. Muito mais do que ganhar ou perder, essa é a magia do esporte: gerar acontecimentos que, mesmo quando parecem pouco significantes, são capazes de proporcionar emoções indescritíveis a todos os envolvidos – seja no momento em que ocorrem ou anos depois, através dos sorrisos e de sensações que decorrem de suas lembranças.

CABEÇADA

Marco Antonio Padron Varela Filho

A espera acabou. Chegou a semana de jogos escolares. O clima do colégio muda, acordo mais disposto para ir à escola, principalmente nos dias de Futsal. Nosso time não era o melhor e nem o pior. Com muita vontade fomos ganhando nossos jogos, chegamos mais longe do que o esperado e alcançamos a semifinal. O time que íamos jogar contra era considerado muito melhor e minha ansiedade de jogar esse jogo era tremenda. Contava as horas para que a partida chegasse logo.

Quando o grande dia chegou, fui correndo para o colégio. O jogo começou e foi muito disputado, o tempo estava acabando e perdíamos por 2 X 1. O último lance era nosso, a bola estava com o goleiro. Pedi para meu amigo se posicionar na área, pois eu tentaria a última jogada desesperada. Olhei para o goleiro e fiz um sinal para que ele jogasse a bola na minha cabeça. Quando a bola saiu de suas mãos, eu já não pensava mais em nada, precisava desviar aquela bola. Não deu outra, com um leve desvio de cabeça a bola chega limpa para meu amigo afundá-la no gol. Comemorei muito a jogada, afinal, era o último lance. Não me lembro muito da final daqueles jogos escolares, o que eu ainda me recordo, com certo saudosismo, é esse pequeno desvio de cabeça.

O CONTRA

Matheus Gonçalves Santos

Fingir ser jogador sempre foi minha brincadeira – e de meus amigos – preferida de infância. Um futebolista que se preze deve ter um bom time, deve ter raça, técnica, malandragem e outras qualidades mais. Dentro dessa fantasia que se misturava com a realidade, tínhamos nossas “partidas oficiais”, os chamados “contras” e, modéstia à parte, nosso time era o melhor do bairro. Éramos mais unidos e entrosados e o mais importante, o Luanda F.C. encarava as partidas como competições profissionais! Nosso salário: uma garrafa de refrigerante, conquistada na vitória, e dividida entre os jogadores. Este salário podia se tornar um ônus quando perdíamos a aposta.

Vamos às regras do contra: a partida ocorria na quadra da nossa vila, a quadra do Buracão, a casa do Luanda F.C, local onde nossos atletas aprenderam a jogar bola. Era nosso C.T e nosso estádio; possuía um chão surrado e pintado de verde; suas traves pintadas de um amarelo vivo e aceso; a ferrugem castigava os ferros das metas; era rodeada pelas árvores da praça e nosso principal inimigo, os espinhos malditos! Adoravam furar a bola.

Como no Futsal, um goleiro e quatro na linha. Vira dez e acaba em 20, ou seja, quando um dos times chega ao décimo gol os times trocam de lado da quadra e o jogo termina no exato momento em que uma das equipes atinge o vigésimo gol, pelo menos assim era acordado, porém durante o jogo um dos times sempre tentava “roubar” um ou dois pontos, contando um a mais para si ou um a menos para o adversário. Não existe juiz em contra! As faltas eram marcadas por quem as sofria, bastava um grito: Faltô! E a partida era paralisada e a falta cobrada. Não havia punições do tipo cartão amarelo ou cartão vermelho, as faltas mais duras eram resolvidas de “maneiras menos civilizadas”.

O Buracão localiza-se na zona leste de São Paulo e é dividido em três ruas paralelas, cada rua corresponde a um time. A nossa rua era a central, representada pelo quase imbatível Luanda F. C. que, curiosamente só possui jogadores que moram no lado par da rua. Pelo nosso referencial, a rua da frente era representada pelo time do Rodrigo, equipe muito forte, porém não muito unida. O último, mas não menos importante, era o time da rua de trás, o time do Naruto, nosso principal rival. Era menos técnico do que nosso primeiro inimigo, porém, era um time com um maior espírito competitivo.

Eu podia relembrar neste texto uma série de contras disputados contra esses dois times, mas hei de trazer à memória um contra disputado com um time de fora do bairro que vinha até “nossa” quadra por ser uma das únicas da região. Esta era uma equipe muito mais enjoada do que as duas primeiras, um time composto por garotos que moravam em uma invasão próxima, por isso o chamávamos de Time da Invasão. Era um time muito mais numeroso e unido, incansáveis e mais técnicos. Esse time chegou a quadra mais cedo do que o Luanda naquela manhã ensolarada de domingo. Ao chegarmos, nossa proposta foi direta: “vamos tirar um contra. Quem ganhar pode ficar com a quadra depois do jogo”. A proposta foi rapidamente aceita e então a partida se iniciou! O jogo foi disputado gol a gol, dividida por dividida, disputa de bola por disputa de bola. Arranhões naquele chão rústico eram comuns e nossas chuteiras sofriam tanto quanto nossa bola surrada e machucada pelos galhos das árvores e espinhos da praça.

A partida foi ganhando emoção e aquela manhã já se tornara tarde, o público foi aumentando e quando nos demos conta, a praça – que leva o nome do meu falecido e homenageado primo Waltinho Gonçalves de Oliveira – já estava tomada de espectadores. O apoio foi majoritário ao time da casa e até os nossos rivais das ruas que nos cercavam estavam nos apoiando. Em meio a esta disputa acirrada, fui atingido no nariz por uma cabeçada e o sangue começou a escorrer. Tive que ser substituído. Neste ponto do jogo não havia tanta ordem e tática, o objetivo era terminar logo aquela partida memorável pois todos nós estávamos exaustos, com

ânimos à flor da pele e a partida atingia o placar de 19 X 19. Parecia que a hegemonia de nossa equipe estava prestes a ser quebrada, o Time da Invasão estava pressionando, tinham um belo jogo de passes rápidos e nossa equipe estava acuada e assustada.

Como todo time, tínhamos um artilheiro e o nosso era o irmão mais novo daquele que emprestava o nome ao nosso estádio, Wagner, protagonista de uma das memórias de infância mais nítidas que tenho. Como estava lesionado, voltei ao jogo como goleiro que, definitivamente não é a minha melhor posição, e de nossa meta pude ver a bola ser enfiada em profundidade para o nosso camisa 9 que ficou no um contra um e partiu em velocidade. O goleiro resolveu sair de sua posição para tirar os espaços do atacante que, com o seu faro de gol, tocou na saída daquele garoto que não calçava chuteiras. A bola passou por baixo das pernas dele e a partida teve um vencedor. Nosso jogador mais velho, Coção, correu ao encontro do marcador do último gol e o colou nas costas!

Naquele momento nós nos sentimos como um time que vence com um gol no último minuto da prorrogação. O chão da quadra parecia estremece e nossa torcida fazia o barulho de uma multidão. Mais uma vez, o Luanda ganhava uma partida dentro da Arena do Buracão. No fim das contas, nosso prêmio, o direito de jogar sozinhos na quadra nem foi desfrutado, porque estávamos muito cansados, não tanto para deixar de passar o resto de fim da tarde na frente da minha casa, onde debatemos e relembramos todos os lances.

BATALHA CAMPAL

Murilo Facco dos Santos

Quando citamos algo relacionado à felicidade, muitas aventuras e ocasiões nos vêm à cabeça. Quando queremos lembrar algo que vivenciamos e nos bate um aperto no coração, podendo também esta ação ser chamada de saudade, temos que recorrer a um período onde o belo e o incrível estão presentes em tudo: a nossa infância.

Eram 13h (ou uma da tarde, como preferir) de um dia qualquer, com a pontualidade de um relógio suíço, iniciava a caminhada, mais conhecida por corrida enlouquecida, do nosso querido vizinho Marcos. Marcos era o encarregado da pontualidade e de chamar todos guerreiros da batalha para a reunião que tinha como local um espaço mágico onde aconteciam feitos incríveis. Costumávamos chama-lo de balão, o balão da nossa rua. Assim que todos estávamos reunidos e com expectativas incríveis, chegava a hora de decidir quem iria chamar José, o capitão que também era conhecido por “o dono da bola”. Para tal feito fazíamos uma espécie de jogo numérico, para alguns, “jogo de azar”, para tantos outros, o famoso jogo “adedanha”.

Tal feito realizado e já com o sorteado, o “sortudo” com extrema bravura se encarregava de seguir para a frente do templo de José onde soltava a voz: “ZÉÉÉÉÉ”, com todo aquele efeito sonoro não demoraria mais que cinco segundos para o capitão e a nossa maior esperança, aparecerem. Esperança que era renovada de mês em mês: às vezes era branca ou amarela, em outro mês tinha outra coloração, mas não importava a sua cor, porém só ela nos daria a honra de longas batalhas pela sua posse.

Agora sim, com todos os guerreiros armados e dispostos, mais uma vez se faz presente um velho conhecido só que, agora, com uma variação chamada “dedos iguais”. Irmão mais próxima da nossa querida “adedanha”, por meio dele se identificavam os exércitos e a qual lado cada um iria defender. Os exércitos tinham a finalidade de fazer nossa esperança

ultrapassar a barreira, ou melhor, os dois chinelos popularmente nomeados de gol ou traves.

Sorteados os exércitos e com a barreira estabelecida, eram travadas batalhas épicas com durações de incriveis prazos que correspondiam à nossa alegria. E convenhamos, era próximo do infinito aquele momento tão especial para nós. A batalha campal só era interrompida quando mulheres de extremo respeito e autoridade gritavam os nomes de alguns de nossos guerreiros e provocavam o adiamento do fim de nossa inacabável guerra. Ficava para o dia seguinte, para próximo mês e, finalmente, para as lembranças que nunca serão esquecidas por nós, eternos guerreiros da “guerra mais divertida” que um dia já participamos.

PRIMEIRA PEDALADA

Ricardo Almeida

Dia de sol comum. Rotineiramente como um garoto de sete anos, fui para o colégio. Estava na aula de matemática descobrindo o que era a soma e, com a cara fechada de quem não estava compreendendo direito o que a professora Paula falava, ouvi um barulho agudo. Parecia uma buzina de bicicleta e sempre que tocava, abria um sorriso em meu rosto. Era o momento, viva o recreio!

Recreio era a forma que eu e meus colegas chamávamos o horário de intervalo entre as aulas, quando nos divertíamos jogando diferentes esportes. Como de costume fui para a região das quadras com Pedro e José, meus amigos, e foi lá que minha rotina diária começou a mudar. Na metade do intervalo dei minha primeira pedalada! Foi algo inusitado, pois até aquele momento nenhum dos meus amigos mais próximos tinham feito aquilo e ficaram atônitos e curiosos querendo saber como consegui. Eu, com certo grau de superioridade e de vaidade, respondi do alto dos meus sete anos:

– Simples, foi apenas instinto. Reclinei para trás, deixei o meu corpo se ajeitar e pedalei.

Meus amigos, então, deram uma risada e tentaram repetir o meu feito em sequência. Todos caíram de bumbum no chão sem conseguir fazer o mesmo. E enquanto todos tentavam aquele movimento, o som agudo da buzina tocava de novo. Era o fim do recreio. Volto para sala e o assunto entre meus colegas era o que eu tinha feito naquele intervalo, pouco importava as diferenças entre a letra 's' e 'c' no alfabeto, na aula de português.

Ao meio-dia a buzina tocou pela última vez no meu dia. Acabava ali a minha aula e a minha mãe vinha me buscar no colégio. Entrei eufórico no carro para contar a novidade para ela. Estufei o peito e disse:

– Mãe, pedalei pela primeira vez, enquanto todos os meus amigos caíram no chão, sem conseguir!

Assustada minha mãe perguntou se meus amigos estavam bem e como a escola deixou uma bicicleta nas mãos de alunos de sete anos. Foi então que eu disse:

– Que bicicleta? Minha primeira pedalada foi no futebol, mãe. Fiz um gol de bicicleta.

E foi assim, então, que, com sete anos, o esporte encantou a minha vida. O novo e o constante desafio de fazer algo diferente dos demais trouxe felicidade ao meu rosto, felicidade maior do que o ruído da buzina que anunciava o intervalo das minhas aulas. Viva o esporte! Viva o futebol e as suas pedaladas!

A PRIMEIRA CHUTEIRA NÃO SE ESQUECE

Rodrigo Passos Peraita

Jamais tive muita aptidão para esportes. Tentei muitos, do futebol ao atletismo. Nunca fui grande corredor, sempre tive pouca visão de jogo. Aos nove anos entrei para a escolinha de futebol de salão, aqui na Mooca, na zona leste de São Paulo. Queria ser atacante, mas acabei na posição de todo bom perna-de-pau, a zaga. Sobre o meu estilo de futebol? Eu me classificaria como um Zidane. Eu jogava de terno. Minha mãe sempre disse que eu estava mais para um torcedor porque mais observava do que qualquer outra coisa.

No segundo treino da escolinha o técnico exigiu que eu comprasse uma chuteira. Era impossível jogar de tênis. Eu já era ruim e ainda de tênis... E fomos – eu e a minha mãe – até a loja de sapatos. Tantas cores, tantos modelos. Este é o do Ronaldo; esta é do Puyol. Depois de algum tempo escolhi a minha. Uma Topper preta clássica, afinal, eu estava longe de ser da geração 7 a 1. Era um zagueiro quebra-canelas, de primeira.

No treino seguinte já cheguei uniformizado, com a chuteira e tudo. Passei a semana toda ansioso por estreá-la. Amarrei o cadarço e estava pronto para entrar quando o treinador me chamou de lado.

“E essa chuteira aí?”, perguntou.

“Maneira, né. Comprei ontem”, respondi orgulhoso.

“Mas como você pretende jogar futebol de salão com chuteira de travas? ”, me inquiriu novamente.

Meu mundo veio abaixo. O “professor” foi conversar com a minha mãe e falou que era melhor voltar e trocar a chuteira. Que frustração. Não treinei e passei um baita ridículo. Fora que tive de trocar minha chuteira maneira.

Aff...

A ARTE DE MERGULHAR EM OPORTUNIDADES

Tamires Santana Pereira Silva

Chegara o momento. Boa hora para recapitular como eu havia parado ali. Algumas horas atrás eu não imaginaria tal ponto, estar envolvida em uma situação inesperada como aquela. Mais cedo, naquele mesmo dia, havia me preparado e, sem grandes cerimônias, pego a touca, colocado os óculos especiais, guardado a mochila dentro do armário e aguardado pacientemente o começo dos alongamentos. Tudo igual. Nenhum equívoco, ou ação imprecisa, nenhum movimento não costumeiro. Mas algo, decerto, aconteceu.

E agora estava eu, ali, pronta para pular piscina adentro e competir. Competir? Como uma aluna em seus primeiros meses de aula e nova como eu, com apenas 8 anos, poderia se dar ao luxo de competir? Não poderia. Mas alguns convites não são feitos para serem negados, são como mãos que levantam, são demonstrações sinceras de que um outro alguém acredita em um potencial seu, que você mesmo desconhece. São como chaves, abrem portas. A água refletia o meu rosto e, assim, antes do mergulho me distraio. Um milésimo de segundo para duvidar da coragem que me levara até ali e logo em seguida reencontrá-la, nadando.

LUGAR DE MULHER É NO GOL

Vera Amaral Gama

Tardes de sexta-feira, dias de futebol. O estádio: minha casa em São Paulo. O campo: o quintal lateral da casa, um corredor comprido, pouco mais largo que um automóvel de grande porte. O gol, só um, era a porta da garagem. Os times: alguns dos meus quatro vizinhos italianos e o pessoal da redondeza, três ou quatro moleques de cada lado, mais não cabia. Quem sobrava ia para a torcida. No gol, o Gulag das peladas caseiras, eu, sempre eu, e sempre as mesmas justificativas: “futebol é pra meninos, menina só sabe jogar queimada”, “vocês choram por qualquer coisinha”, “mulher não sabe chutar”.

Comigo de goleira, uns nove, dez anos, baixa, magrinha, de óculos e única mulher em campo, o placar era inevitavelmente gordo: 14 x 18, 11 x 9 e o recorde, inacreditáveis e obesos 19 x 30! Numa sexta qualquer, um século depois de Stuart Mill e uma década antes da explosão dos movimentos feministas, me rebelei. Naquele dia o bando de machistas em miniatura não ia vencer. Agarrei a bola e declarei triunfante: “hoje eu vou jogar”. Meu argumento, falacioso, mas irrefutável: o estádio era meu, o campo era meu, a bola era minha. Enzo, um dos vizinhos, melhor amigo e aliado corintiano, uma banana nanica entre figos, pêssegos e porcinis da nobre árvore genealógica da família calabresa, foi para o gol.

Entrei em campo. Cadê a bola? Corri, dei a canela pra bater, me esgolei e fui solenemente ignorada. De repente, num passe errado, a bola sobrou na minha frente. O gol ali, pertinho. Olhei para o goleiro, Enzo deu uma piscadela e chutei. Chute de bico, horroroso e... GOL! Um frango escancarado. No campo adversário e na plateia surgiram vaias e gritos de “marmelada”, “coisa de corintiano”, “frangueiro”, “tua avó pegava essa”, “otário”. Palavrão, nem pensar.

Perdi o jogo, mas o meu gol foi computado. Dormi feliz.

O JOGO DA MINHA VIDA

Veronica Reis Grether

Desde pequena estive envolvida no esporte e experimentando várias modalidades diferentes. Mas permaneci mesmo no voleibol. Comecei a jogar na sétima série e prossegui até o fim do terceiro colegial no time da escola. Nesse tempo tivemos muitos jogos por ano em diversos campeonatos. Hoje já são seis anos que me formei e, apesar do tempo, há momentos que não são esquecidos, que continuam vivos na memória. Foi no meu último ano na escola em 2010. O jogo o qual nunca me esquecerei e que representa para mim o que é a superação e o esforço no esporte.

Todo ano participávamos do campeonato do Colégio Marista Arquidiocesano, o OIariqui. Era um campeonato de alto nível competitivo e sempre muito almejado. Chegamos à semifinal e estávamos enfrentando o Mackenzie. Era sempre o favorito, um time com tradição em uma escola conhecida pelo incentivo ao esporte, composto por jogadoras altas e de qualidade. Como era o esperado, mal tivemos chance contra elas no primeiro set. Ataques fortes e certos estavam matando o jogo, porém, não entramos com a cabeça baixa e não aceitamos que íamos perder o jogo. Lutamos e jogamos cada ponto dando o sangue. Nossa defesa estava muito boa e não desistimos de nenhuma bola.

Com muito esforço ganhamos o segundo set, o que para nós foi incrível. Crescemos muito dentro de quadra. Podia perceber que do outro lado o ego era muito grande e não estavam preocupadas. Estava claro que nos menosprezavam. Nosso time era composto por poucas meninas e no banco havia três ou quatro reservas, todas de baixa estatura para o vôlei. Um time costuma ter altura média de 1,60, ao menos levando-se em conta a idade. Bom, fomos para o tie-break. O set foi seguindo empatado no placar, até que chegamos ao 14 x 14 com um porém: o jogo ia terminar no ponto número 15 e não com a diferença de dois pontos como normalmente ocorre.

Tornou-se mais real do que nunca, naquele momento, que poderíamos ganhar aquela partida contra o time que em todos nossos anos de voleibol nos venceu sem que tivéssemos alguma chance de ganhar. A bola estava em jogo na quadra delas, na defesa, levantamento para a meio e bomba para a nossa quadra. Aquele momento parecia estar em câmera lenta, nosso time todo acompanhou a bola com os olhos e viu passar por todas nós para cair no chão, só que para fora! O ponto foi nosso!

Ganhamos o jogo. Parecia que tínhamos vencido a final do campeonato, comemoramos como nunca. Foi demais, foi o jogo que mostra que não há vencedor certo, que o favorito pode perder. Foi o jogo de nossas vidas para encerrar o ciclo daquele time com chave de ouro. Uma prova de superação e de esforço, frutos de um trabalho de dedicação, de espírito, de alma e de companheirismo em grupo.

DOMINGO

Victor Lacalendola Pecosqui

Levanto-me cedo. Eram 8 horas e o despertador do celular já tocara três ou quatro vezes e, por três ou quatro vezes eu resolvi apertar o botão snooze. Mas já era hora. Encontro meu pai na cozinha. Seu Edmilson, como eu caçoava, tinha seus 48 anos e uma barriga tipicamente grande (era mais conhecida como “orgulho e experiência”). Era possível ver por minhas olheiras e olhos remelados que eu realmente não tinha vontade de acordar naquele horário, mas era preciso. Era domingo.

Por muitos domingos ficou combinado em minha família que o último, ou o primeiro dia da semana, era destinado a uma atividade esportiva que precisava ser naquele dia porque sempre ocorria na casa onde meu pai cresceu e, onde o meu avô o obrigava a fazer o mesmo. Vô José – que Deus o tenha –, era filho de imigrantes poloneses, começou a trabalhar entre nove e dez anos e logo adquiriu o hábito da prática esportiva e o passou para o filho. Meu pai jogava muita bola, de verdade. A opinião não é só minha, mas, também, dos próprios amigos de infância de meu pai que falam até hoje sobre o melhor goleiro da Camba (nome da turma bairrista da qual ele era membro entre as décadas de 1960 e 1980).

Comigo foi diferente. Não íamos para um campo de futebol e muito menos para uma quadra de basquete, mas para uma quadra de tênis. Sim, tênis. Tênis, sem dúvida, foi a modalidade, ou jogo, ou hobby que mais me motivou e que eu mais me dediquei. Aos quinze anos quase me federei e tentei uma carreira na ATP World Tour, mas preferi o estudo.

Na cozinha meu pai me apressava. Sempre falava que estava atrasado, porque realmente estava, e que perderíamos o aluguel da quadra. Depois de levantar eu tomava uma rápida ducha gelada para acordar e deixar os sentidos aguçados, trocava de roupa em dois minutos, pegava as raquetes e as bolinhas e corria para o carro onde Seu Edmilson me esperava. O rádio não saía da estação Dumont FM, nos 104.3 MHz, a rádio de Jundiáí,

nossa cidade. Eu ia o caminho inteiro enchendo o saco para trocar, mas meu pai sempre dava risada e aumentava o som. Eu nunca entendi a disposição do homem para acordar cedo. Eu dizia que era uma coisa a ser estudada.

Chegamos ao local, uma escola de tênis onde nos fins de semana era possível alugar as quadras para jogos entre parentes ou amigos por um preço camarada. Era época em que a cotação do dólar estava entre R\$ 1 e R\$ 2 e a poupança era o melhor negócio para não tomadores de risco. Entrar na quadra sempre significou para mim um momento especial. Disputava campeonatos, mas o máximo que consegui foi um quarto lugar, apesar de usar a desculpa de que eu jogava na divisão com jogadores mais velhos do que eu, principalmente por causa do tamanho deles.

Era meu serviço (meu pai deixava eu começar). Abri com 1 set a zero com muito esforço, já que estava me aquecendo. Em seguida, 1 a 1, 2 a 1 para mim. Hoje é meu jogo, pensei. Jogar com o meu pai sempre foi um desafio psicológico, principalmente por causa das brincadeiras e xingamentos que ocorriam durante o jogo. Eu o chamava de aleijado, por causa do joelho operado, e ele me chamava de lerdão por não subir na rede em bolas curtas. Mas dessa vez não. Ele estava concentrado de um jeito novo, esse foi o xingamento da vez, no entanto, não levou na brincadeira. Depois que abri 2 sets a 1 para mim, meu pai fez 2 a 2 durante o jogo. Fez 40 a 40, mas com vantagem para ele. Era um saque para acabar o jogo, serviço dele, match point. Ele não fez qualquer ace durante todo o jogo. Deixou o único para o fim. Minha tão sonhada passada de mão na cabeça dele foi embora, junto com a bolinha. Fiquei muito puto. E mais ainda quando a mão do meu pai, suada e suja, tocou o meu cabelo.

Era possível ver que eu estava frustrado, mas meu pai brincava que, apesar de ganhar, o Gatorade era por conta dele. E eu ria. Na volta para o carro dava para ver a poeira do saibro grudada no automóvel. Aquela terra vermelha-clara tomava conta do estacionamento e de nossos tênis. Mas não era a última vez que íamos. Não era a última vez que jogaríamos.

Não era a última vez que eu perderia. Acreditava que era possível ganhar do “tiozinho” e dar a tão esperada passada de mão na careca aparente dele. Tudo bem perder. Domingo que vem seria diferente.

UMA HISTÓRIA DA MINHA INFÂNCIA NA DINAMARCA

Yasmin Svea Noregren

Eu estava correndo na praia num dia tão frio. Nem ao menos as gaivotas queriam acompanhar e celebrar o primeiro dia do verão dinamarquês. Quando as forças de minhas pernas chegaram ao fim, os meus braços deram um abraço muito grato à areia. Era um abraço apreciando a simplicidade de estar ao ar livre e sem o meu chapéu. A minha mãe gritou para que eu comesse com ela (a minha fome cresceu durante toda a tarde). Naquela época a gente sempre comeu salsicha de frango. Era a única coisa que eu sempre gostei. Minha mãe constantemente queria me acolher para que eu nunca sofresse e para que eu fosse sempre feliz. Assim a vida não se tornou, mas ninguém sabia.

Sentei ao lado da minha mãe e ela começou a ligar o grelhador. Eu estava olhando para o fim do mundo, ou assim eu pensava quando observava a vida das ondas no mar à minha frente. Jogavam-se entre as outras; encontraram-se, tocaram-se, separaram-se e começaram de novo. Incapaz de entender como se moveram sem a ajuda de ninguém, eu perguntei para minha mãe se havia alguém no fundo do oceano. Estariam brigando? Dançando? Quantos existiam? Deviam ser muitos porque eu não consegui ver mais que o próprio mar, não importava quão longe eu tentasse olhar. Mamãe riu numa forma que eu não aprendi a interpretar. Ela, apenas, deu um beijo na testa, entregou uma salsicha para eu comer com as mãos, a garrafa de ketchup, e colocou um prato plástico no meu colo. Eu olhava como se tivesse medo de que ela fosse velha demais para entender ou conseguir ouvir o que falei. E foi no ponto em que eu ia perguntar de novo que ela interrompeu os meus pensamentos com seu olhar e logo abriu a boca:

– Filha, olha seu cabelo, como dança no vento. Como você acha que faz assim, meu amor?

– Mãe, eu não sei. É porque está muito fraco e não tem a força de resistir ao modo como o vento quer dançar?

Ela olhou além do mar. Pegou um punhado de areia, jogou para o ar na nossa frente e respondeu.

– Não minha filha. E porque o vento é algo separado dos nossos mundos. Nós, você e eu, somos parte do mundo, parte da Terra e todas as coisas criadas da Terra. Mas o ar, filha, o vento vem de cima para por mudanças no nosso mundo, para dançar com todos os elementos que, sozinhos, se sentiriam solitários e abandonados. O vento vem para dançar com o seu cabelo, com as ondas no mar, para acariciar a grama. O vento sente todos os momentos em todos lados ao mesmo tempo e ajuda os anjos a contar histórias para as estrelas porque estão tão longe de nós e nunca vão viver como é a nossa Terra maravilhosa.

– Por isso, filha, por isso se movem as ondas. Para terem histórias para contar às estrelas.

Completo a minha mãe.

Eu dei uma mordida na minha salsicha e fiquei em silêncio. As nuvens cinzentas começaram a cobrir a visão do mar e das estrelas. Eu pensei “que pena, será que já puderam ver que linda é a superfície espelhada do mar refletindo o brilho da lua”?

MUITO MAIS QUE TORCEDORES

AQUELE TIME INESQUECÍVEL

Álvaro Logullo Neto

Todos os amantes do futebol guardam na memória alguma grande equipe que assistiram durante a infância. daquelas que se sabe a escalação de cor, que se decora a numeração dos jogadores. Esquadrões geralmente recheados de craques, daqueles que se brinca de imitar com os amigos do colégio na hora do recreio. Todo mundo tem este time que é o responsável pelo início da paixão de cada um. “Dorval, Melgálvio, Coutinho, Pelé e Pepe”, lembra a minha avó, com certa dificuldade. E ainda complementa com orgulho: “Eu vi esse time jogar, ao vivo!”

“Que derrota doída!”, recorda meu pai com o olhar perdido. Em sua mente a imagem de Paolo Rossi retorna. Como esquecer seus três gols contra o Brasil naquele fatídico 5 de julho de 1982? “Aquele sim, era um time de verdade”, resmunga o meu tio enquanto assiste a um terrível desempenho do SPFC na TV. “Raí, Müller, Palhinha...”, são os nomes que ele espera ouvir do narrador, mas tudo o que escuta é “Kelvin, Hudson, Wesley...”. Pois é, os tempos mudam.

Eu não vi Pelé. Tampouco me frustrei com a seleção brasileira – nem o 7 a 1 me derrubou. E o Raí que presenciei jogar estava fora de forma e passeava pelo campo num amistoso de despedida. Pude, no entanto, ver a Grécia. Sim, a Grécia. Enrolado em cobertores durante o gelado inverno de 2004. Inalador no rosto e antibiótico em cima da mesa para tratar da sinusite. Foi deitado na cama que vi Charisteas cabecear a bola para dentro do gol de Ricardo, dando aos gregos o título da Eurocopa daquele ano. Um gol mitológico. Como deveria ser. De criaturas lendárias que impressionaram com sua força e vigor e que, por meio de sua fábula abriram os olhos daquele menino de 7 anos, doente e cabisbaixo, ao verdadeiro encanto do esporte.

Os gregos mostraram para mim que tudo era possível. Que naquele fantástico universo do futebol não havia razão ou coerência. Qualquer

um poderia vencer, por mais improvável que fosse. A criança não vê estratégia, tática, não julga, não avalia, muito menos, faz previsão. Ela se apega à magia. Em meu rosto, naquele momento, um doce sorriso surgiu. De esperança e de admiração. Em meu coração o sentimento estava, enfim, instaurado. Meu amor pela bola só faria crescer dali para frente.

Nikopolidis, Seitaridis, Dellas, Kapsis e Fyssas; Karagounis, Basinas, Zagorakis e Katsouranis; Vryzas e Charisteas. O meu time inesquecível usava azul e branco e não jogava bonito. Sua camisa não era nada pesada e sua história quase inexistente. No campo não se viam craques, mas guerreiros. No banco não havia técnico, mas um deus que comandou seus heróis através da mais árdua epopeia até alcançar, por fim, o paraíso.

ENTRE ONDAS SONORAS E UMA PAIXÃO

Camilla Freitas Soares

Quando criança encontrei meu aconchego no rádio. A televisão do apartamento onde morei por 14 anos era precária. Antes era velha, não tinha botões nem controle e, por conta disso, vivia desligada. Quando uma nova TV finalmente chegou (depois de muito sufoco e acompanhada de um carnê de prestações de tamanho razoável), não comportou a pequena antena nela acoplada com aquela esponja de aço nas pontas e que carregava esperanças por uma imagem melhor da novela das nove. Com tamanha adversidade, o sinal permaneceu ruim. Na ausência dessa amiga íntima das crianças do século XXI, encontrei-me amiga do companheiro das infâncias do século passado, que há muito fora posto de lado, o querido rádio.

Ganhei meu primeiro e único aparelho de rádio aos 5 anos, mas foi só aos 9 que tomei consciência do quão incrível era aquela máquina. Passava horas manipulando fitas e programas radiofônicos com o intuito de gravar uma sequência musical para ouvir em outros momentos ou para presentear minha mãe em seu aniversário, coisa que, hoje, fazemos em poucos minutos em aplicativos como o Spotify. A beleza, no entanto, estava em gravar frente e verso da fita, em ter o friozinho na barriga de pausar no momento exato em que começava aquele comercial incômodo, em poder segurar em minhas mãos o objeto fruto de um árduo trabalho. Ouvir as músicas, então, era só uma consequência.

Aos 12 anos conheci um outro amor, uma paixão platônica: um garoto que estudava na mesma sexta série que eu e tinha os mesmos 12 anos. Para muitos, algo tão traumático para se ter contato numa tenra idade, porém, não foi o que se tornou para mim. Não que a paixão ainda me assale, longe disso, mas ela me trouxe outra, esta sim, a maior que eu já conheci fora dos laços familiares: a paixão pelo esporte.

Para conquistar meu amor platônico decidi ir para um caminho diferente do adotado por outras crianças da minha idade e, por alguns adultos hoje, também. Optei por me aproximar do garoto e descobrir seus gostos para ter o que conversar com ele e, com isso, mostrar o quão legal e interessante eu poderia ser. Era algo que na minha cabeça seria o suficiente para ele aceitar andar de mãos dadas comigo nos recreios escolares. Para a minha sorte o assunto sobre o qual ele mais gostava de falar era futebol. A sorte não foi por eu compartilhar do mesmo gosto, muito pelo contrário, mas porque foi o que me motivou a estar aqui hoje escrevendo esta narrativa.

Como eu não sabia absolutamente nada a respeito do esporte tão popular, fui fazer a lição de casa. Não era a lição que a professora passou, mas a que me dispus, por mera motivação autodidata, a fazer motivada pelo sentimento tão puro que é o amor de uma criança com pouco mais de uma década. E foi da forma mais inusitadamente e didática que peguei um caderno de folhas recicláveis, uma caneta azul e sentei, num conjunto de almofadas jogadas no canto da sala, para assistir ao jogo São Paulo e Curitiba, pelo Campeonato Brasileiro de 2008. O que aquela tinta rabiscava no papel eram conceitos básicos passados pelo narrador do jogo, Luciano do Valle, como tiro de meta, escanteio, pequena área, além de informações que eu adquiria por meio das exposições imagéticas da TV de resolução prejudicada, como os nomes dos jogadores e os números que levavam em suas respectivas camisas.

Do placar nem mais me recordo, não mesmo. Poderia utilizar os recursos tecnológicos que tenho à minha disposição agora para obtê-lo, mas prefiro manter na lembrança apenas os detalhes do sentimento que tive naquele momento. Isso, para mim, é o que verdadeiramente importa. E foi ótimo, foi como uma relação de significado e significante. Eu acabava de encontrar, com apenas 12 anos, o que seria o meu futuro, o que eu levaria para o resto da vida. Eu não tinha consciência disso enquanto via o Marcelinho Paraíba errar mais uma finalização, mas o sentimento foi de que era isso que eu iria fazer daquele momento em diante: sentar todos os domingos na frente da televisão para acompanhar 22 jogadores e uma

bola. Aos poucos, uma transferência do polo de interesse ia se formalizando e o futebol era a minha maior paixão que, porém, não era platônica. Acabei por não conquistar, mas sim por ser conquistada.

Como já contei, a TV não facilitava essa nova relação e, além disso, apenas ver os jogos de quarta-feira e aos domingos não me satisfaziam mais. Por isso abracei novamente a quem tanto me acompanhou, o rádio. E de programas esportivos a FM está cheia. Foi com ela que aprendi quase tudo. Ouvindo os jogos e os comentários, além dos programas diários, entendi conceitos que nem mesmo os meus amigos que assistiam TV por assinatura compreendiam. De certa forma ainda me orgulho muito disso. Havia um pouco de dificuldade em lembrar os nomes de alguns atletas e, confesso que ainda sofro com isso, mas do esporte eu entendia e entendia muito bem.

Com o vício do futebol pelo rádio, segundo a minha mãe, tornei-me uma senhora da terceira idade. Com o radinho de pilha no ouvido, criticava esse e aquele jogador. Não era bem pelo rádio de pilha, mas a crítica aos atletas era verídica, não posso negar. Essa relação tão íntima trouxe-me a vontade de participar ao vivo de um dos programas que eu tanto acompanhava. De uma forma considerada arcaica pelos amigos de hoje, liguei na emissora (sim, usando um telefone fixo!) para comentar sobre uma contratação que estava em alta no momento: a chegada ao São Paulo Futebol Clube do atacante Fernandão, ex-Internacional de Porto Alegre, para a saída do camisa 9, Washington, coração de leão do time. Fui contemplada com a sorte em minha primeira tentativa de falar com a emissora, mas esta sorte logo não pareceu tão positiva assim, quando o frio na barriga me dominou. Quando a voz do locutor, em seu primeiro “alô, quem está na linha?”, surgiu, a minha própria voz, por sua vez, quase se esvaiu. Contudo, em nenhum momento pensei em desistir ou que poderia falar algo que não fosse certo. O certo era estar ali, fazendo isso, naquele momento, naquele instante.

Minha opinião foi sucinta, porém, precisa. Evitei a prolixidade que me era característica quando abordava sobre futebol. Sempre tive esse equívoco, mas soube controlar os vocábulos naquela situação. Ao térmi-

no da minha fala o apresentador e jornalista Thomaz Rafael, junto com a também jornalista e apresentadora Paloma Tocci, muito me elogiaram, me parabenizaram pelo conhecimento demonstrado. Aquilo foi uma grande surpresa para mim, apesar de eu ter consciência do quanto eu conhecia o tema. Eu li muito sobre o assunto, vi muitos jogos, ouvi muitas opiniões conceituadas, enfim, sabia o que estava falando.

Até aquele momento eu não tinha consciência do quanto eu tinha facilidade para falar sobre isso, do quanto era natural para mim falar sobre esporte, sobre futebol, e o quanto eu amava fazer com que as pessoas entendessem o que eu estava dizendo e compartilhassem, ou não, da mesma opinião que a minha. Por conta disso, no momento em que me perguntaram, ao vivo com os meus 12 anos, se eu tinha vontade de ser jornalista esportiva um dia, não hesitei em dizer que sim. Mesmo sem nunca ter pensado a respeito, sabia que este era o sonho e que deveria ser seguido.

Não sei se digo que o rádio me fez jornalista, que o amor platônico infantil o fez, ou se foi o futebol, ou se foi aquele apresentador que até hoje não tem ideia do quanto mudou minha vida com apenas uma pergunta. Realmente não sei. Algo me trouxe até aqui, a este texto, à oportunidade de poder narrar mais uma vez esta história, minha história. E seja lá quem for a pessoa que teve participação inicial nisso, a maior motivação foi o amor ao esporte que começou com o futebol e hoje se estende para tantas outras modalidades esportivas. As paixões movem as pessoas e as minhas me moveram. Ainda hoje me movem em direção a um sonho ainda não concretizado por inteiro, mas que, a cada dia, torna-se mais próximo. E, isso tudo, graças a 22 homens em um campo gramado e a uma bola.

FALTA

César Marangoni

Quando eu era criança pensava que o mundo era uma bola e os homens eram criaturas que tentavam, incessantemente, se apossarem dessa bola. Eu olhava as outras crianças jogando futebol e logo pensava: como pode um esporte, aparentemente simples, unir as pessoas, tirando-as de sua realidade? No esporte se encontravam crianças ricas, pobres, brancas, negras. Todas jogando no mesmo time. E como sinto falta disso.

As minhas experiências com o esporte começaram a florescer na juventude. Vôlei, tênis, bétis e futebol. Eu joguei vôlei pela minha cidade num campeonato regional. Nós perdemos todos os jogos, mas saímos felizes pela experiência agregadora e pela oportunidade de representar a nossa cidade. Quando joguei tênis no clube com os meus amigos, havia um ritual que antecedia todo dia de treino: era obrigatório tomarmos groselha antes das partidas. Eu joguei bétis com os meus primos na frente da casa de minha tia. Um momento de união, de felicidade: o encontro familiar no seu melhor sentido. Era como se o mundo parasse e só existisse a gente e, é claro, os carros inoportunos que nos atrapalhavam. E como sinto falta dessa época.

Ah, o futebol. Minhas lembranças do futebol são as melhores possíveis. Meu primeiro campeonato no clube onde eu treinava. Onze gols, artilheiro da competição. E eu fazia tudo aquilo para ver o sorriso estampado na cara de meu avô e de meu pai, único troféu que ganhei em minha vida. E como sinto falta disso. Hoje, tudo é diferente. Não pratico mais esportes, limito-me apenas a assistir, de vez em quando, pela televisão. Como se esquecer da olimpíada de 2012, em Londres? Como apagar da memória a tensão que tomou conta de meu corpo ao assistir às quartas-de-final do vôlei feminino entre Brasil e Rússia? Aquele tie-break foi a coisa mais emocionante de minha vida.

A final da Copa do Brasil de 2015, entre Palmeiras e Santos, nunca se apagará de minha memória. Relembro: em casa, minha família assiste ao jogo separadamente, cada um num lugar. Chegam os pênaltis: eu, meu pai, minha irmã, minha mãe e minha avó ficamos na sala, torcendo como se aquele fosse o jogo de nossas vidas. O resultado foi que o esporte uniu a família e trouxe alegrias eternas. E como sinto falta disso.

Não conheci o meu avô materno que morreu com 33 anos enquanto jogava futebol. Meu avô paterno morreu recentemente e a melhor lembrança que eu tenho dele é, justamente, aquela de meu primeiro campeonato de futebol. Ele em pé, apoiado na grade que delimitava o campo, gritando o que eu deveria fazer. Acho que essa foi a relação mais próxima que tivemos. Um esporte não é simplesmente uma atividade física. É, também, uma união, um sentimento de pertencer a algo. É engraçado o fluxo da vida. O futebol me impossibilitou de conhecer uma pessoa que me faz muita falta, mas me possibilitou construir um sentimento afetivo em relação a outra pessoa essencial em minha vida.

O inventário de lembranças faz parte da minha identidade. Eu sou tudo aquilo de que sinto falta. Não são as medalhas ou os troféus que me fizeram realmente feliz, mas o fato de vivenciar todos estes momentos que, como o futebol, se tornaram eternos para mim. A vida é um constante movimento de sofrer uma falta, levantar-se de cabeça erguida e cobrá-la da melhor maneira possível. O gol é apenas uma consequência de nossos atos. E, assim, o que realmente importa não são números ou prêmios. Realmente importa é que, de alguma maneira, a nossa falta seja sentida. De falta em falta, a gente vai se construindo e construindo o mundo onde vivemos.

UM SONHO, UMA VIRADA E UMA PAIXÃO

Diogo Magri

Eu não lembro da circunstância e nem do contexto em que se realizou aquele jogo. Não importava, na verdade. Lembro que era pelo Campeonato Paulista. Era começo de ano. Era março e chovia muito. Lembro do meu pai ameaçar não ir por causa do clima, mas não adiantava, os ingressos já estavam comprados. Voltei da aula naquela quarta-feira, troquei de roupa e já saímos de casa, eu e ele. O estádio era relativamente longe de onde eu morava e, ao chegar nos arredores, ainda tínhamos que dar uma volta para descobrir a entrada do setor para a torcida visitante. Sim, o time para quem íamos torcer naquele dia, teoricamente jogava fora de casa. Passamos pela revista, pela catraca e já avistamos a arquibancada no fundo do estádio Brinco de Ouro da Princesa. Àquela altura, a arquibancada já estava branca, vermelha e preta. Guarani e São Paulo aqueciam no gramado.

A paixão pelo futebol veio transmitida pelo meu pai, como costuma ser, porém, mineiro, ele é cruzeirense desde a infância. Eu até nutri uma certa torcida pelo Cruzeiro, nos primeiros anos acompanhando futebol. Estive no mesmo Brinco de Ouro para ver o time azul perder para o Guarani, um ano antes, mas o interesse logo se perdeu, conforme o fanatismo pelo esporte aumentou. Nunca foi culpa do meu pai. Era compreensível: eu, nascido em Campinas, naturalmente torceria para um time de São Paulo. Acabou sendo o próprio São Paulo.

Comecei a gostar do time tricolor com 7 anos, mas sem ter um motivo específico. Pouco antes de completar 8 anos, o referido jogo, válido pelo Paulistão de 2005, com certeza foi determinante para afirmar como meu clube do coração. A forma como terminamos aquele ano - campeões da América e do mundo - também, obviamente, só fez tudo se intensificar.

Ao subir os degraus de cimento e avistar o campo, a primeira impressão foi de admiração. Estavam ali caras que pareciam existir só na TV. Rogério Ceni, Emerson Leão, Cicinho, Grafite. Depois, a torcida. Nunca vivenciara a sensação de estar com uma multidão torcendo por algo tão significativo. A troca de xingamentos com os bugrinos que enchiam o tobogã do estádio, as provocações, os incentivos ao tricolor. Não era um clima exatamente apropriado para uma criança, mas me marcou de uma forma única e positiva.

No espaço para visitantes no Brinco, cabiam 4 mil pessoas. Os boatos eram de que havia 5 mil ou 6 mil. Não demorou muito para a PM estender o cabo de isolamento, cedendo alguns espaços desocupados do estádio para a torcida são-paulina. “Aha, uhu, o galinheiro é nosso!”, gritávamos, provocando o adversário. Em seguida, não parávamos de apoiar o São Paulo. A identificação com todo aquele público era imediata.

No primeiro tempo, em que o São Paulo atacou na minha frente, nada aconteceu. Em compensação no primeiro lance de perigo do segundo tempo, Juninho, zagueiro do Bugre, abriu o placar com um gol de costas, depois de cruzamento de uma bola parada. Bem na minha frente. Felizmente não demorou muito para Grafite receber na esquerda, puxar para o meio e cruzar para Marco Antônio empatar, do outro lado do campo. Marco Antônio. Não sei porque decorei que o gol foi dele. Era um meia da reserva e que teve uma passagem apagada pelo time, mas foi quem marcou o primeiro gol do meu time e que vi em um estádio.

Logo depois, Grafite recebeu na frente, passou pelo zagueiro e fez o segundo. A sensação de comemorar a virada com a torcida é única. Ainda teve um pênalti: a minha chance de ver o Rogério, já tão admirado por mim, fazendo um gol no primeiro jogo dele em que eu estava presente. A torcida inteira pediu, mas foi Diego Tardelli quem pegou a bola. Não deu outra: perdeu.

O relógio já alcançava os 45 quando meu pai, visivelmente preocupado com o tumulto que seria sair dali com tantas pessoas, falou para irmos embora do estádio. Enquanto descíamos os degraus da arquibancada o

juiz marcou falta para o Guarani, no exato lugar de onde saiu o gol no começo do segundo tempo. “Espera aí, vamos só ver esta falta”, eu disse. Aquela tensão e todo o estádio em silêncio. Veio o cruzamento. Alguém de branco afastou. Ufa! Já era. Podíamos ir para casa tranquilos.

Enquanto saía do estádio, nem sequer pensava na possibilidade de somente assistir o São Paulo pela televisão. Não sabia que só voltaria a ver meu time no estádio em 2006, na mesma data em que conheceria o Morumbi. Não sabia que só veria um gol do Rogério, no estádio, em 2013. Só sabia que queria voltar a viver aquilo. E que meu vício pelo esporte só aumentaria desde então.

E O AMOR PELO FUTEBOL?

Felipe Atilio P. Tredezini

O dia nasceu lindo naquela agradável manhã, tão lindo quanto deve ser uma calma manhã de domingo no interior de São Paulo. Caminhada na Lagoa do Taquaral, pela manhã. Almoço em família e jogo da Ponte Preta, de tarde. Um legítimo dia campineiro. Mas aquele não era um dia tão comum para mim, pois era a primeira vez que eu iria ver um jogo de futebol no estádio, um grande sonho meu da época. À medida que o horário de início do jogo se aproximava, a ansiedade ia apertando em meu peito e, de tanto eu insistir, fiz meu pai ir comigo ao estádio mais de duas horas antes do início do jogo. Hoje eu sei que o estádio Moisés Lucarelli está longe de ser enorme, mas para mim, naquela tarde de domingo, era um dos lugares mais impressionantes que eu já havia estado em minha vida.

Esperamos mais de duas horas, mas o tempo passou muito mais rápido para mim do que para o meu pai. Eu estava vislumbrado com aquele lugar. A partida entre Ponte Preta e Guaratinguetá começou. Cada grito da torcida fazia meu coração bater mais forte e a atmosfera do lugar era algo nunca visto antes.

O primeiro tempo foi muito acirrado e o Guaratinguetá estava jogando de maneira defensiva e não dava muito espaço para os atacantes da Ponte, que estavam constantemente marcados. Mas, em uma brecha de alguns segundos, na metade do segundo tempo, surgiu uma oportunidade e a Ponte não a deixou passar: Gol! A rede balançou e acho que a arquibancada inteira também, com a euforia e a comemoração da torcida da Macaca. Nunca gritei tanto em minha vida, para ser sincero.

A partida terminou 1 a 0 para a Ponte Preta: um gol marcado pelo time e um sonho meu realizado. Estava tudo perfeito naquela noite calma, contudo, infelizmente, durante a saída do estádio eu encontrei uma outra face do futebol que nem imaginava existir. Alguns torcedores do

Guaratinguetá não se deixaram abater pela derrota e saíram cantando orgulhosos o hino do time, algo normal para mim, mas, aparentemente, nem tanto para alguns torcedores da Ponte que partiram para cima deles carregando pedaços de pau e garrafas. Começou a correria, meu pai me pegou no colo e começou a correr em meio a vários outros torcedores e, para longe da briga.

Eu jamais havia presenciado uma demonstração tão covarde de violência. Mais de 20 torcedores da Macaca contra quatro torcedores do Guaratinguetá e que só estavam cantando o hino de seu time. O ato grotesco durou até a polícia intervir, mas eu já estava mais distante da briga quando isso ocorreu. Não consegui, contudo, me distanciar da imagem de um torcedor do Guaratinguetá, caído, com a camiseta ensanguentada, que consegui ver enquanto meu pai corria comigo no colo. Isso aconteceu há mais de 13 anos e, da mesma forma que, dificilmente seria possível limpar o sangue da camiseta do torcedor caído, é também quase impossível de tirar aquela imagem de minha memória. O meu sonho acabou se tornando um pesadelo e o meu amor pelo futebol, infelizmente, morreu um pouco em meu coração naquele dia.

FUTEBOL DO CONTRA

Felipe Ribes

Era uma tarde de domingo como qualquer outra, mas, naquele ano em específico, havia o estranho costume de se assistir aos jogos de futebol com a família toda reunida e vestida com uma camisa amarela. Havia uma empolgação entre os presentes. No entanto, aquela era uma linguagem não compartilhada por mim. Era o equivalente a uma viagem para um país estrangeiro onde não falamos a língua local. Eu não entendia o que fascinava naqueles jogos. Alguns anos antes, durante o campeonato interclasses do colégio, eu peguei com as mãos a bola dentro da área porque vinha na minha direção. Nonsense levar bolada na cara. Meus colegas, porém, não reagiram muito bem ao que fiz.

Voltando àquele dia, porém, algo importante estava para acontecer, apesar de todos estarem ao redor da televisão, cumprindo um ritual comum ao que vi algumas vezes naquele ano de 1998. Era a final do campeonato e, apesar de não gostar do jogo, lembro bem de como, nos anteriores, Ronaldo driblava os zagueiros do outro time como hoje só se vê em jogos de videogame. Era muito impressionante e isso acabou se tornando, para mim, uma referência de como um bom jogador deve ser em campo.

Aquela partida, porém, seria diferente das outras. Especulava-se sobre uma lesão do nosso melhor jogador e ninguém sabia ao certo o que havia acontecido. Mas, naquele jogo a camisa tricolor brilharia mais forte e um filho de argelinos seria o maestro da partida. Na época em que ainda não se considerava um chato o locutor Galvão Bueno, da TV Globo, repeti algumas vezes com emoção na frente da televisão: “um toque de cabeça pra baixo e um goloço no goleiro Taffarel-el-el”, enquanto comemorava os gols do “Zizou”. Para provocar, claro, mas não só por isso. Não me entenderam muito bem. Quando Petit marcou o terceiro gol, então, sugeriram me deixar de castigo. Coisas da infância.

Relembrando esse dia fico pensando por que razão não torci para a seleção de Zagallo e como não senti o drama de uma partida tão triste. Se pudesse voltar no tempo, uma situação hipotética improvável, o Felipe de hoje talvez não entendesse também o menino de 7 anos que vibrou com Zidane, Petit e Deschamps. A vida tem dessas. Que benção é o tempo e o seu papel pedagógico que, então, me fez passar longe do que existe de pior no futebol paulista para torcer para o único time brasileiro tricampeão mundial de clubes. A sabedoria tardou, mas ao menos veio e, a isso, é sempre bom agradecer. Até.

RUMO A TÓQUIO

Guilherme Melo Kalil

Era uma quarta-feira, porém, não era qualquer quarta-feira. Tinha como principal atração o jogo entre Corinthians e Vasco, válido pelas quartas-de-final da Copa Libertadores. O jogo de ida, no Rio de Janeiro, terminou empatado sem gols. Como todo corintiano sempre senti um frio na barriga ao assistir o time na Libertadores, afinal, em mais de cem anos de história, o gigante nunca conquistou um título. Aquele ano de 2012, porém, era diferente. O time demonstrava confiança. O técnico Adenor Leonardo Bachi, o Tite, era sábio, tinha um estilo de jogo definido e conhecia o elenco. O estádio do Pacaembu trazia uma atmosfera agradável e o time foi recebido com um mosaico pela torcida e com gritos de apoio.

Começou o jogo. A primeira etapa foi pegada, dois times recuados, medo de sofrer gols. Houve poucas chances de gols e quando veio o intervalo o placar era 0 x 0. A nação corintiana esperava o segundo tempo ansiosamente e pensava na vitória. As equipes voltaram se arriscando mais, buscando o gol da classificação e o jogo ficou mais atrativo. Tite se exaltou demais e terminou expulso por reclamação. Foi para a torcida onde assisti ao jogo ao lado do gerente de futebol, Edu Gaspar, e de milhares de fãs que respiravam forte.

Dois lances tiveram maior relevância no segundo tempo. O primeiro ocorreu depois de falta a favor do Corinthians. O jogador do Vasco afastou a bola que sobrou para Alessandro. O lateral tentou colocar na área novamente. Diego Souza conseguiu tomar a bola e saiu com ela dominada. Apenas Cássio pela frente. Após percorrer mais de 40 metros, o jogador chutou rasteiro, no canto, mas Cassio fez uma defesa inacreditável. Nos minutos finais o Corinthians descolou um escanteio pelo lado esquerdo. Após a cobrança, Paulinho, para mim o melhor volante do Brasil na época, subiu no segundo andar e cabeceou forte, no canto.

O Pacaembu explodiu de alegria. Tite comemorou como louco e eu não consigo encontrar palavras para explicar a minha sensação.

O gol da classificação trouxe esperança para a maior torcida do Estado. O Título, improvável há tempos, parecia bem próximo. Hoje, alguns anos depois, eu sinto uma euforia quando lembro da partida, uma das mais emocionantes dos últimos tempos.

TAL PAI, TAL FILHO

Guilherme Torres Corrêa

Vinte de dezembro de 2000. Aos 45 minutos do primeiro tempo, depois da terceira facada, meu pai despediu-se com um riso descrente, como quem ri para não chorar. Tuta fora o autor do homicídio ou do sepultamento. A precocidade e a velocidade com que as facadas foram dadas, tranquilamente se enquadrariam na lei, como crime hediondo. Em menos de dez minutos Arce, Magrão e Tuta realizaram com presteza, mas não sem dor, o assassinato. Fim do primeiro tempo no Palestra Itália: Palmeiras 3 x 0 Vasco. A esperança é a última que morre, mas padece. Meu pai preferiu deitar-se mais cedo, afinal, três, vira e seis, acaba, não? Antes um sono mal dormido do que a madrugada em desolação.

Três, vira, quatro, acaba: 3 x 4. Eu também fui dormir com um riso descrente, como quem ri para chorar. O ano poderia terminar tragicamente, como havia iniciado. Após o impensável, uma penalidade perdida por Marcelinho Carioca, bastaria o Animal confirmar sua cobrança para a esperança também se confirmar: o título mundial contra o Real Madrid finalmente seria conquistado. Não foi o caso e, eis o primeiro vice-campeonato de alguns possíveis no ano. Antes da fatídica etapa inicial de 20 de dezembro de 2000 o Gigante da Colina já possuía na conta, ou nas costas, três vices: além da derrota nos penais para o Corinthians, em pleno Maraca, um para o mesmo Palmeiras, no Torneio Rio-São Paulo, e outro para o maior rival, no campeonato carioca. Um quarto vice-campeonato seria a tragédia-mor, algo impronunciável. Arce, Magrão e Tuta abriram as portas do inferno.

Contudo, o inferno não é digno de uma das maiores histórias do futebol mundial e a história do Clube de Regatas Vasco da Gama tomaria outro rumo, seu rumo natural, a glória. A maior virada do século, quiçá de todos os tempos, se concretizaria no pé de um dos maiores (ou menores?) centroavantes a pisar nos gramados deste planeta redondo.

O baixinho selaria o inacreditável. A essa altura meu pai já estava de volta à sala, incrédulo: meus gritos eufóricos em comemoração aos três gols anteriores, apesar da expulsão infantil de Júnior Baiano, abreviaram aquele sono que seria mal dormido. Aquela noite se estenderia com uma carreata de bicicleta pela pequena Vila dos Cabanos, no Pará. Eu e um amigo cruzmaltino ainda sairíamos pelas ruas, um carregando o outro, no revezamento de garupa a entoar “vamos todos cantar de coração, a cruz de malta...”.

Seis de dezembro de 2015, 38ª rodada do Campeonato Brasileiro da Série A. Depois da terceira facada, eu me despedi com um riso descrente, como quem ri para não chorar. Não se tratava de um homicídio, mas um suicídio. O Gigante da Colina se matava pela terceira vez em menos de sete anos. Acompanhar novamente o clube de coração na segunda divisão nacional seria bem mais que um sono mal dormido ou uma madrugada em desolação. Não é que as portas do inferno foram abertas. Nós já estávamos na companhia do capiroto e fingíamos não saber. Por enquanto, estou aguardando os gritos eufóricos que abreviarão as labaredas. “O Vasco é o time da virada...”.

O GIGANTE CAIU

Matheus Correia Peres

Amanheceu um sábado atípico no país do futebol. Clima de copa do mundo, dia de jogo do Brasil: quartas-de-final. O ano era 2006. A seleção mais temida enfrentaria outra não menos importante, com grande bagagem no futebol, a seleção francesa. Brasileiro que sou, não conseguia pensar em mais nada a não ser na partida. Camiseta, bermuda, corneita, bandeira e até a disposição das pessoas no sofá foi planejada, com o intuito de criar uma atmosfera perfeita para a partida. Sob o comando de Carlos Alberto Parreira a seleção brasileira contava com um elenco de respeito, composto por jogadores como Roberto Carlos, Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo Fenômeno, Kaká e Robinho. Ah, e no gol, nada menos do que Dida. O cenário era extremamente otimista para nós.

O juiz deu início à partida. Parece que as duas equipes começaram cautelosas com o objetivo de evitar errar e de estudar o adversário. Apesar disso, o jogo fluía e as duas equipes tinham liberdade para jogar. Após algum tempo a França começa a dominar o jogo e vai para cima em uma tática ofensiva e ousada. Apesar de respeitar o Brasil, a seleção francesa cria coragem e resolve se arriscar mais no jogo. Os franceses começam a dominar a partida, com Zidane comandando a ofensiva.

No início do segundo tempo o Brasil desapontou, parecia que algo tinha acontecido. O time voltou com outra energia, desconcentrado, eu arriscaria dizer: sem muita vontade. E isso foi reflexo direto do desempenho. Com uma jogada bem efetuada pela França e um descuido brasileiro, saiu o gol francês. O meu mundo caiu. Um garoto brasileiro de 11 anos não conseguiria suportar a dor de ver o seu país sendo eliminado de uma copa do mundo, principalmente após 2002, que deixou os mais novos muito mal-acostumados. O choro foi inevitável.

Eternas memórias levarei daquele dia em que sofri ao ver Roberto Carlos arrumando o meio, enquanto Henry passeava pela área brasileira

a caminho do gol. Memórias que não foram capazes de me fazer descreditar no futebol, mas que, com toda a certeza, serviram para que eu mudasse minha perspectiva dali em diante.

AYRTON SENNA DE TODOS OS SILVAS

Natália Belizario Silva

Eu cresci em uma casa um pouco diferente das outras residências do Brasil. No país do futebol é natural que as pessoas tenham um time do coração. Você pode se isentar de qualquer tipo de opinião, mas se você não tiver um time de futebol... é estranho. Pois bem: acabei me descobrindo corintiana por conta do meu avô. Ele sempre gostou de assistir aos jogos na televisão ou acompanhá-los pelo rádio (ou os dois ao mesmo tempo). Mas meu pai, a figura da qual as pessoas normalmente herdam o time do coração, não era fã deste esporte.

Os sons da TV nos fins de semana da minha infância não eram de gritos de gol ou de torcidas organizadas. O que eu sempre ouvi foi o ruído rápido, agudo e inconfundível dos carros de Fórmula 1. Eu nunca aprendi muito bem a torcer pelo Corinthians, mas desde pequena sempre soube quem era o responsável pela paixão do meu pai pela F1 e o maior ídolo que o Brasil já teve: Ayrton Senna.

Na época do Senna, as corridas que hoje meu pai assiste sozinho, sem ter com quem conversar, eram como eventos. As pessoas se reuniam em volta da TV, que ainda era um artigo de luxo no Brasil, para ver Senna correr e ganhar. No dia 1º de Maio de 1994 meus pais estavam se mudando para a sua primeira casa própria. Caixas para todos os lados, amigos ajudando a mudança e um fogão a ser instalado para garantir o almoço. O almoço, a prioridade número um. A número dois, era assistir a provável vitória do Brasil na F1 em um fim de semana marcado por acidentes e tragédia (que viriam a ser tragédias).

No primeiro treino livre o brasileiro Rubens Barrichello não morreu por sorte. Seu carro bateu de tal forma que o impacto foi absorvido, fazendo com que ele não sofresse ferimentos graves. Senna interrompeu o seu treino e acompanhou Rubinho até o centro médico, lugar do qual não saiu até ter certeza de que estava tudo bem. Visivelmente abalado,

Senna passou a fazer exigências em relação a segurança da pista em Ímola, na Itália. A programação da F1 seguiu como se nada tivesse acontecido. No treino de sábado o alemão Roland Ratzenberger perdeu o controle do carro e bateu a uma velocidade muito maior do que a de Rubinho: o acidente custou a vida do piloto, que morreu oito minutos após a sua entrada no hospital. Se Ratzenberger tivesse falecido dentro do autódromo, a corrida teria que ser cancelada.

Sem a classificação do treino de sábado, valeram os tempos do primeiro treino que colocavam Senna na pole position. Logo atrás dele, Michael Schumacher, seu novo desafiante. Às 10 horas é dada a largada do Grande Prêmio de San Marino. Na nova casa da família Silva a prioridade número um fora cumprida e estavam todos sentados diante da TV para acompanhar a corrida. Ainda que para as novas gerações esta paixão pareça estranha, “gostar de Fórmula 1 no Brasil de 1994 era quase uma obrigação cívica, pois o que os pilotos brasileiros haviam conquistado nos últimos anos, mostrava uma competência nas pistas que nenhum outro país havia igualado”, bem explicava o meu pai. Naquele tempo os resultados da F1 não eram determinados somente pela sofisticação na engenharia do carro, mas pela competência e garra dos pilotos. Ayrton Senna não tinha o carro mais rápido da pista, mas a sua vontade de vencer era a maior entre todos os pilotos.

O *safety car* logo entrou na pista por conta de um acidente causado por um piloto que não largou. Após uma narração dramática feita por Galvão Bueno, a corrida voltou ao normal com a mesma tensão da largada. A distância entre Senna e Schumacher aumentava e a expectativa de que o brasileiro ganhasse a corrida continuava a mesma.

Aqui, antes do triste desfecho e fim deste texto, faço uma pausa para contar a minha experiência com Senna. Nasci em 1996 e não vi a paixão do meu pai assistindo as corridas do seu maior ídolo, mas eu sempre soube o que esse nome significava na história do Brasil e da minha família. Em 2010, quando o documentário Senna foi lançado, fiz questão de ir ao cinema assistir. Eu precisava entender quem foi Senna para que, ao ver o meu pai assistindo aos grandes prêmios de F1, de madrugada, fizesse sen-

tido. Ao longo do filme o meu coração foi ficando apertado por saber o fim daquela história. Vendo as imagens de Senna na reunião dos pilotos, após o acidente que causou a morte de Ratzenberger, eu torci para que a corrida do dia seguinte fosse cancelada. Dia 1º de maio de 1994, curva Tamburello, sétima volta. O fim de uma era na história da Fórmula 1.

No dia que deveria ser um dos mais felizes de sua vida, o meu pai viu o seu maior ídolo perder o controle do carro e bater violentamente em uma curva. A imagem da cabeça de Senna apoiada na lateral do carro bastou para que ele entendesse em 1994 – e eu em 2010 –, que era o fim. “O maior talento da F1 de todos os tempos nos deixava de forma trágica, mas da forma como muitos outros deixaram as pistas”, disse meu pai no relato que deu origem a essa crônica. Pouco após o fim da corrida a Rede Globo foi mensageira da notícia que ninguém queria acreditar: Ayrton Senna morreu. No dia 1º de maio de 1994 a festa na nova casa da família Silva deu lugar ao silêncio inexplicável. Sigo sem saber muito bem como torcer para um time de futebol, mas com Senna eu entendi o significado de um ídolo na vida de uma pessoa. E agradeço a Edson Soares Silva, o meu pai.

O DIA EM QUE EU ME APAIXONEI

Nicole Ferreira Fernandes

Foi há 10 anos. Eu sei que era um domingo porque à tarde o meu pai estava em casa e tinha um monte de primas lá também. Fiquei na sala assistindo ao jogo com o meu pai. Eu não era muito chegada ao futebol e só via os jogos quando ia com a família assistir as partidas no Canindé, estádio da Portuguesa. Sempre achava engraçado as pessoas torcendo pela seleção brasileira durante a copa e não entendia por que tanta comoção. Isso mudou naquele dia.

O jogo era de Portugal contra Holanda, pelas oitavas-de-final da Copa do Mundo de 2006, na Alemanha, e ficou conhecido como a Batalha de Nuremberg. Nem me lembro como foi o gol do jogo, um de Maniche, aos 23 minutos do primeiro tempo, que trouxe a vitória para Portugal porque naquele dia o placar não foi o mais importante.

Os jogadores, entre eles Figo, Pauleta, Simão Sabrosa, Petit e um, muito jovem, Cristiano Ronaldo, viraram os meus queridos na Eurocopa seguinte, mas, aquele de quem mais lembro é do Deco. O carrinho que Deco aplicou num momento de raiva, depois de a seleção da Holanda se recusar a praticar o *fair-play*, é o momento que um pai mais gosta de contar até hoje. Entretanto, o que mais me faz lembrar do Deco naquela partida é o momento após a sua expulsão. No fim do jogo, depois de duas expulsões em cada time, Deco assistiu o resto da partida na escada do estádio com os outros dois jogadores expulsos da Holanda, Boulahrouz e van Bronckhorst, e foi uma das primeiras vezes em que eu vi esta demonstração do espírito do futebol e que ultrapassa tantas barreiras.

Foi, ironicamente, o jogo mais violento da história das copas. Foi, também, a partida que, provavelmente fez a menina de 10 anos, que um dia eu fui, se interessar tanto pelo jogo. Com 16 cartões amarelos e quatro cartões vermelhos ao longo dos 96 minutos, além das inúmeras faltas gra-

ves que não foram dadas, vibrei e gritei ao lado de meu pai e entendi, pela primeira vez, qual era a graça de assistir aos jogos nas tardes de domingo.

Lembro que quando terminou o jogo o meu pai, todo eufórico, foi para o quarto e demorou para voltar. Preocupada, fui atrás dele e o encontrei chorando. Chamei a minha mãe porque pensei que ele estava sentindo-se mal de alguma maneira, mas quando perguntamos o que aconteceu, ele disse que chorava porque o jogo foi muito emocionante. Na época não entendi aquela emoção, deixei para lá e considerei meu pai muito emotivo. Agora, anos depois, após chorar durante jogos de times para os quais eu nem torcia, só porque vi o sacrifício dos jogadores; após ter acompanhado a seleção portuguesa por tantos anos; após ter me emocionado tanto com a final daquela Eurocopa, cujos melhores momentos nem consigo rever sem chorar, eu entendo totalmente o que o meu pai sentiu naquele dia. Eu consigo enxergar como aquele dia mudou a minha relação com o futebol para sempre.

ASFIXIA DA DERROTA

Pedro Godoy

Todo torcedor sonha em ver seu time campeão. A emoção que um título transmite é uma mistura de adrenalina com endorfina que, ao término do jogo, enfevece o grito de “É Campeão!”. Mas naquele dia, a euforia ficou entalada. O grito foi substituído pelas lágrimas e a medalha de ouro perdeu sua cor, tornando-se prata.

O ano foi 2008. Mais especificamente, no dia 2 de julho. O Fluminense havia superado barreiras inimagináveis, como um gol aos 48 do segundo tempo nas quartas de final contra o São Paulo e a vitória contra o gigante Boca Juniors, na semifinal. Independente do time para que torcessem, todos queriam assistir ao espetáculo.

Eu vivi aquela energia. Tinha apenas 11 anos e respirava o dia a dia dos jogadores. Já estava de férias na casa da minha avó e apenas contava as horas para chegar ao maior do mundo. Comprava todos os jornais para saber de tudo sobre a grande final. Dificilmente me viam sem a camisa tricolor. Meu pai é botafoguense, mas por entender minha alegria, fez um bate-volta de São Paulo só para me levar ao jogo.

O estádio parecia um caldeirão. Os sinalizadores desenhavam o nome do time na arquibancada e a torcida ensurdecidora explodia com o Horto Mágico (música). Eram tantas estrelas em campo: Fernando Henrique, Thiago Silva, Dario Conca, Thiago Neves. Estrelas no nome, no salário e na raça. Mas naquele dia, nenhum deles levantou a taça de campeão. Apesar da incrível campanha, o Fluminense foi derrotado por 3x1 nos pênaltis, apagando o fogo do caldeirão, calando o estádio e tirando o ar do menino de 11 anos que respirava tudo aquilo diariamente.

O LANCE DA MINHA VIDA

Pedro Henrique Silva

Até hoje me pergunto sobre aquele dia e o que aconteceu. Não sei. Não faço a menor ideia se aquele lance foi algo realmente importante ou, na verdade, um simples erro de cálculo. E quem poderia perguntar? A minha mãe? Porque viu tudo. A minha irmã? Que, provavelmente nem sabia onde estava (tinha uns seis anos, a pequena). O meu pai? Que nem estava naquele jogo (acho que foi o único ao qual não compareceu. Foi a todos os outros). Ou algum colega de time? Que já havia tomado uns sete gols naquela ocasião e também nem devia saber onde estava. Não. Eu estava sozinho. Como até hoje neste tipo de ocasião. Queria decidir se o meu esforço fora ou não em vão e se tudo pelo qual lutei, e lutava havia alguns meses, teria sido por (quase) nada. Enfim, a Iolanda gostava mesmo de mim ou era só amizade?

Provavelmente já passavam uns seis minutos desde o início do terceiro e último tempo daquele jogo entre o meu colégio e o Cidade Canção, pela primeira rodada da Copa Aesa. O jogo ocorreu no Clube Indiano, na zona sul de São Paulo. A minha mãe, como sempre, fora me ver jogar no gol. Era um dia extremamente quente e seco do inverno de São Paulo. Sim, eu era goleiro. Não, não era minha estreia em torneios. Aquela era minha segunda (e última) participação na categoria mirim daquele campeonato anual entre colégios particulares da zona sul.

A escola era nossa arquirrival, talvez porque fazíamos sempre amistosos contra eles ou pelo fato de ser o colégio mais próximo do nosso ou, ainda, porque a quadra deles era o que chamávamos de “caixa de fósforo”, onde era impossível bater um lateral de forma satisfatória (não! Não era por que sempre perdíamos. Claro que não). De qualquer forma, não sei. Provavelmente pelo nome poético. Isso pouco importa agora, já que o cabeludo chutou do meio da quadra (ah, era futsal) e a bola ia bem alta, bem, bem alta. Talvez não tivesse motivo para saltar, mas saltei. E defendi

o chute, arrancando suspiros de todo mundo daquele lado da quadra e, posteriormente, aplausos. Entre os que aplaudiram estava Iolanda, a minha melhor e única amiga da sexta série.

Mas havia dúvidas. Uma série delas. Logo que espalmei a bola, me dei conta de que teria de cair e, definitivamente, eu não estava pronto para aquilo. Jamais saltara tão alto numa defesa e mal sabia como seria aterrissar. Lembro de passar alguns milésimos no ar pensando se a bola teria ido para escanteio mesmo ou se realmente ia, antes, para o gol. O fato é que eu estava agora no chão. Depois de ouvir o seco som de meus ossos chocando-se contra o concreto da quadra, olhei para meu lado direito, onde estavam a minha mãe, a minha pequena irmã e Iolanda. As três me olhavam. Não faço ideia do olhar da minha mãe ou de minha irmã, mas a Iolanda me sorria. Sim, ME sorria. Esta, talvez seja a única certeza que eu tenho daquele lance. Não sei nem o resultado do jogo (sei sim, foi 9 x 0. E o que foi? Se fosse você também ia querer esquecer). Não lembro se a minha técnica também estaria sorrindo. O que eu tenho certeza daquele lance, até hoje, é que Iolanda estava sorrindo e me parabenizando pelo esforço. Mas, será que o esforço era de fato justo? Ou a bola já estaria fora quando eu pulei?

O escritor português José Saramago diz, em seu Memorial do convento, que é “melhor esperar pelo francês e vir o bacalhau, do que esperar pelo bacalhau e vir o francês”, em uma referência a uma torre de observação na costa de Portugal onde todos se armaram e se prepararam contra um barco que se aproximava, com medo de que fosse o de um militar francês, contudo, era apenas um pesqueiro. Evidente que eu nunca havia lido Saramago antes, mas aquele princípio já regia, de alguma forma, a minha vida. Pulei naquela bola com medo de que ela fosse para o gol, mesmo que não parecesse alta. Sorria para Iolanda todos dias daquele ano (tá, exceto aos domingos...e nas férias...e nos feriados...) com medo que fosse pensar que eu não gostava dela. Ou melhor, com medo de que não fosse só amizade.

Por isso, eu me perdoou daquele lance. Eu não era alto. Eu não tinha tamanho. Como eu poderia saber se, de fato, eu deveria agir naquele

momento? Ou como agir? Eu só pude saltar. Não, não estou falando de Iolanda. Mas, desta vez, do futebol. Afinal, eu nunca saltei em Iolanda (na verdade isso cabe para Iolanda. Ela era mais alta do que eu, em todos os sentidos).

Nunca me declarei. Talvez tenha sido melhor assim. Talvez eu não devesse nunca ter saltado naquela bola (saiu um gol no escanteio. Eu acho que deveria ter mencionado isso antes, me desculpe). Nunca saltei em Iolanda. Nunca me aventurei. Nunca me declarei para ninguém. Seria eu, mais corajoso no esporte do que na vida? Dúvidas que me seguem até hoje por onde eu andar. Devo saltar? Um sábio chamado Tony Stark disse: “Às vezes precisamos saltar antes de correr” (Homem de ferro, 2010), mas eu nunca saltei em amores. Apenas em Bolas. Nessas eu salto até hoje.

E antes de terminar, há alguns fatos que precisam ser ditos aqui: Iolanda não foi o meu primeiro amor. Bianca fora antes dela (e até ao mesmo tempo que ela). Era palmeirense e eu, era corintiano. Talvez também dê uma história amor-esportiva. E, por fim, e mais importante: minha namorada atual mora do lado do Colégio Cidade Canção. O que é bem estranho se você parar para pensar.

AMANHECENDO

Rafael Castino Florio

Poucas são as minhas lembranças dos meus cinco anos de idade, entretanto, momentos do mês de junho de 2002 são aqueles que me recuso a apagar da memória. Ou melhor, duvido que tais lembranças estejam guardadas em uma parte específica desta massa encefálica. Quando lembro da copa do mundo daquele ano, surgem sentimentos, sinto um aperto no coração. É a saudade da minha primeira grande experiência esportiva. Uma criança com tão pouca idade não consegue lembrar de um torneio por completo - de todos os jogos da sua seleção, de todos os momentos, dos gols. Talvez seja por isso que guardo essas memórias com tanto carinho. São reflexos, algumas imagens que remetem ao torneio, lembranças simples, mas claras de um Brasil campeão do mundo.

Gostava de futebol. Era um garoto que vivia jogando, que treinava no colégio e tinha a aula de educação física como sua preferida, mas em 2002 não bastava gostar de futebol, era necessário amá-lo. Em dia de jogo meus pais me acordavam de madrugada – ensonado, ia ao quarto deles, acendia a luz para espantar o sono, sentava na cama e ligava na TV Globo. Podem dizer o que for, nada como uma narração do Galvão Bueno para marcar a vida de um menino!

Seu Sergio, acostumado ao comércio, sempre acordou muito cedo. Naquela época tinha um café e, enquanto o jogo rolava, ele se arrumava para sair. Dona Ana não trabalhava, mas não podia dormir, ficava acordada acompanhando os jogos e sempre me acordando dos cochilos em lances importantes. Em uma copa até agora dividida entre bons jogos e ótimas peladas, surge uma partida onde o país não conseguiu pregar os olhos. A sempre temida Inglaterra cruzava com a nossa seleção. O Brasil jogava de azul, um simples e belo uniforme azul que contrastava com o branco dos ingleses, assim como a escura madrugada brasileira contrastava com o belo dia que fazia no oriente, onde o jogo acontecia.

Lúcio falhou e a seleção começou atrás do placar. Eu não sabia xingar, não havia aprendido palavrões e, por isso, o zagueiro foi poupado dos verbetes de baixo calão que viriam de um pequeno garoto da Vila Guilherme, na zona norte de São Paulo. Meu Brasil sofria com a pressão, os europeus pareciam determinados a eliminar-nos do torneio. A esperança surge e o gol de empate vem num contra-ataque, levando o jogo para o intervalo com o placar igualado. No início da segunda etapa, como um gênio, um mágico, um menino sortudo e atrevido, Ronaldinho vira o jogo. Uma falta de muito longe, um chute desprezioso com a bola entrando em um lugar inimaginável. “Foi sem querer...”, disse minha mãe. “Ele viu o goleiro adiantado!”, disseram os comentaristas. Foi gol e isso basta.

A partida acabara e em poucos minutos o telefone toca, era o meu pai. Queria saber se eu havia assistido ao jogo. Entre um salgado e outro que colocava para assar na lanchonete, creio que seu Sergio dava uma espiada na televisão para acompanhar a seleção que se classificava para a semifinal e encantava o Brasil enquanto o dia amanhecia. Não me lembro da semifinal contra a Turquia. Sei da vitória, do gol de Rivaldo, do um a zero sofrido, mas tudo isso por meio de reprises, especiais e vídeos na internet. A memória falha, a lembrança foi apagada, acho que o jogo foi muito cedo, muito ruim ou eu estava com muito sono.

A final contra a Alemanha, em contrapartida (E QUE PARTIDA!), é uma das memórias mais claras de minha infância, talvez a mais alegre no quesito esportivo e a musa inspiradora desta crônica. Era domingo de manhã, com sol, um dia maravilhoso para sermos pentacampeões. Por volta das 7h30 eu já estava descendo com um prato de lanches com a minha família. O salão de festas do prédio fora liberado e uma televisão em cima da mesa convidava todos os condôminos a assistirem a final juntos.

A sagrada feira de domingo do meu pai poderia esperar — creio eu que nem os mais fiéis feirantes aprontaram suas barracas antes do jogo naquele dia. O Brasil, literalmente, estava parado para acompanhar e empurrar nossa seleção, mesmo estando a doze fusos de distância. Todos os colegas do prédio compareceram ao grande evento. Seus pais, assim como

os meus, ajeitavam-se nas cadeiras de plástico, as crianças se contentavam com o chão, mas o mais perto possível da telinha.

Como um herói com o cabelo do Cascão e vestindo a 9 da amarelinha, Ronaldo, não por acaso meu maior ídolo esportivo, marca duas vezes e solta o grito de gol de ambas as gerações: aquela sentada nas cadeiras, que carregava um pesado fardo desde a final de 1998, e a minha, que sentada no chão sentiu-se honrada em descobrir o sentimento de ser campeão mundial. A comemoração? Pelada na quadrinha do prédio com os amigos, para fechar aquela manhã e a copa, que me apresentou, durante as madrugadas, ao esporte que mais amo. Obrigado, Futebol.

PEQUENA QUADRA, GRANDES LEMBRANÇAS

Rafael Battaglia Popp

Moro no mesmo prédio há mais de 15 anos. Praticamente a minha vida inteira. Por conta disso pude presenciar uma série de transformações por aqui, desde as mais simples, como a mudança dos enfeites de Natal, até aquela que considero a mais importante de todas: a construção do campinho de futebol nos fundos do condomínio. Olhando hoje, a quadra (construída no improviso porque não estava no projeto inicial do prédio) parece tão pequena que chega a ser difícil imaginar jogar algo ali que não seja o clássico gol a gol. Quando, porém, eu e meus amigos éramos crianças o local era o nosso estádio particular, palco das disputas mais acirradas e com partidas que poderiam durar horas ou até a mãe de algum dos “jogadores” chamá-lo para o jantar.

O início das férias escolares era quase como um começo de campeonato para nós: o primeiro a acordar tinha a tarefa de fazer a convocação oficial, isto é, passar em todos os andares para chamar os demais. Em seguida selecionávamos as chuteiras e o restante do equipamento, aparato que quase sempre era composto por chinelos prestes a se rasgarem e bolas que não demoravam muito para ir até o vizinho. Sim, os furos na rede eram feitos a uma velocidade maior do que eram consertados.

Lembro perfeitamente do dia em que a tal quadra ficou pronta. O sol batia nas traves recém-pintadas e a grama sintética, ao meu ver, parecia não ter fim. E não demorou para que todos chegassem da escola e comesçassem a dividir os times. Naquela época poucos ali se conheciam muito bem e tudo isso começou a mudar. Deixávamos fora do campo qualquer diferença de idade, ou desavença criada por alguma outra brincadeira, para jogar bola.

Com o tempo, infelizmente, as partidas foram ficando cada vez mais escassas. Os mais velhos envelheciam rápido demais e, simplesmente, paravam de brincar. Outros amigos se mudavam sem qualquer tipo de aviso

prévio que nos desse tempo para mais um jogo. Em uma época que não se usava WhatsApp ou Facebook, perdi contato com muitos deles, mas as memórias das manhãs, tardes e noites dentro daquela quadra e a amizade que provocou para além de seus limites ficarão para sempre na minha mente. É por essas e outras que hoje em dia, já um pouco rabugento, tento evitar me irritar com as novas crianças que povoam o andar térreo do meu prédio. Sei que as lembranças que elas estão produzindo ali, naquela minúscula quadra, serão como as minhas: inesquecíveis.

OS ÚLTIMOS SERÃO OS PRIMEIROS

Rafael de Oliveira Paiva

A infância nos proporciona situações memoráveis. Da primeira ida à escola até o primeiro beijo, todos os singelos instantes fazem com que idealizemos aquele período doce. Bendito tempo que nos afastou sem piedade da melhor época da vida! Com o transcorrer dos anos as histórias e personagens da juventude começam a se cruzar. Passamos a misturar os amigos, os lugares, as circunstâncias iniciais e finais. A mente, cada dia mais ocupada com as diversas mazelas corriqueiras, sente a pressão e não pode ser vista de modo irredutível como em outrora.

É nesta toada que faço questão de relatar um dos momentos mais intactos da minha memória – antes que os deuses dos relógios façam com que eu passe a misturá-lo com outros acontecimentos. Trata-se do dia em que o Davi derrotou Golias no futebol e que o filho pôde rever o pai depois de uma situação deveras complicada. Como nos anos antecedentes, meus pais, em 2002, fizeram a minha inscrição no campeonato de futsal do clube do qual éramos sócios. O nome da categoria não poderia ser mais sugestivo do que Fraldinha. Somente crianças entre sete e nove anos poderiam disputá-la.

Após a realização dos sorteios das equipes, as quais tinham os nomes dos patrocinadores do torneio, a minha expectativa era a de que conseguisse pelo menos conquistar uma medalha de bronze, honraria que já havia conseguido no torneio anterior. Mal sabia o que me esperava! O regulamento previa que os oito times se enfrentariam em uma única fase. Os quatro primeiros colocados passariam para a fase mata-mata, sendo que o primeiro enfrentaria o quarto e o segundo pegaria o terceiro.

Nos três jogos iniciais a decepção tomou conta do meu coração. O time perdera todas as partidas. Uma delas por um sonoro 7 x 1. Detalhe: a equipe rival estava longe de ser uma seleção alemã. Não bastasse isso, o jogador mais habilidoso daquele “catadão” quebrara a perna antes do

quarto embate. Em virtude de brechas no regulamento, um garoto pôde ser inscrito no lugar do lesionado. Sorte a nossa! Graças a essa inscrição é que estou redigindo este texto neste momento.

Seu nome era Felipe. As suas características físicas em nada lembravam as dos melhores futebolistas. Muito pelo contrário, eram vistas como motivos de chacotas pelos adversários. O garoto baixo e um pouco acima do peso respondia com o dom que lhe fora dado pelas divindades: uma condução de bola semelhante ao do jogador Walter, atacante do Atlético-PR, e um chute potente com a perna que lembrava o do ex-jogador Neto (ex-Corinthians), ambos esportistas que apresentavam certos problemas com a balança.

Em seu primeiro jogo, a criança gordinha mostrou a que veio. Pela primeira vez ganhamos uma partida. A esperança dentro de mim começou a renascer. O treinador, ao verificar os atributos de Felipe, montou a equipe em função dele. Selecionou os jogadores que possuíam o melhor poderio defensivo e um bom passe para auxiliá-lo. Entre os escolhidos, lá estava eu. Assim, passamos a jogar de modo compacto e esperando os momentos certos para atacar. Quis o destino que após três vitórias e quatro derrotas, nossa equipe se classificasse na quarta colocação. Pegaríamos o time que estava invicto no campeonato e tinha tanto o melhor ataque quanto uma defesa sensacional.

A semifinal foi marcada pela raça das duas equipes. Eles marcavam um gol e nós, sobretudo, graças à eficiência tática, buscávamos o empate. Nos três minutos finais o jogo se encontrava 6 x 5 para os adversários. Numa espécie de desespero, com o tempo atrelado à esperança, adquirida no decorrer do torneio, após fintar o pivô adversário, arrisquei um chute do meio da quadra. A bola, minha melhor amiga na situação, morreu no canto superior direito do gol oposto. Um tento lindo! Para delírio dos meus familiares.

Era o último jogo que meu pai assistiria antes de realizar uma delicada cirurgia. A emoção de ter marcado um golão e ter visto a felicidade no rosto de meu genitor continua vivíssima a cada instante que fecho

os olhos e me recordo daquela partida. Com o otimismo mais do que elevado, a nossa equipe cresceu nos minutos finais. Em menos de dois minutos marcamos mais dois tentos e não tomamos nenhum. Resultado: participaríamos da inesperada final e uma medalha já estava garantida!

No dia da decisiva partida meu grande companheiro do futebol, que me passava boa parte da segurança necessária, não estava na torcida, encontrava-se no Hospital São Paulo depois de ter realizado a operação que quase lhe tirou a vida e, para piorar a situação, pegaríamos a equipe que nos tinha aplicado o memorável 7 x 1 na primeira fase. Apesar das condições adversas, naquele dia resolvi chamar para mim a responsabilidade, até porque Felipe não se encontrava bem no jogo e estava sendo anulado pela marcação adversária. Ao atuar como fixo, pude anular o melhor jogador da equipe rival e iniciar a ligação entre a defesa e o ataque. O empate, em virtude da melhor campanha durante a fase inicial, era deles. Logo, precisaríamos ir para o tudo ou nada. Uma situação digna dos melhores filmes de ação e suspense!

O jogo foi extremamente truncado. Tanto nós como eles estávamos com receio de tomar o primeiro gol. Por questão de sorte ou de competência, até hoje não sei, um jogador instável da nossa equipe entrou e fez o tento que abriu o placar do embate. Beleza! O jogo era nosso! A medalha dourada estava próxima! Engano meu...a alegria durou poucos segundos. No início da última etapa os adversários empataram. Ah, não acredito! Que injustiça! Perder o campeonato assim não era nada legal.

A situação foi se arrastando assim até os últimos onze segundos, quando desarme um adversário e vi livre de marcação, no ataque, o mesmo companheiro instável que havia marcado o primeiro gol. Foi, então, que o improvável aconteceu: ao receber a bola, o jovem, que se chamava Victor e era filho do treinador, carregou a pelota por cerca de dois segundos e mandou um canhão em direção ao gol adversário. O final todo mundo já deve imaginar: caixa! E uma explosão no ginásio. Naquele exato momento a minha comemoração foi contida. Deitei no meio da quadra e imaginei meu pai vendo aquela cena digna de um verdadeiro jogo de futsal. Nos derradeiros segundos, os adversários não puderam

fazer nada. Sobrou a tristeza para eles e a irrupção de felicidade do nosso lado. Fim de jogo. O caneco era daquele time que todos debochavam no início da competição.

O momento mais feliz daquele dia não foi o instante do recebimento da medalha e, muito menos, o da volta olímpica. Assim que as comemorações cessaram, minha mãe me levou pela primeira vez ao hospital para que, ao menos, pudesse ver o meu pai através da janela do leito onde se encontrava. Devido à generosidade das enfermeiras locais, tive a oportunidade de rever meu grande incentivador num dos corredores da imensa casa de saúde. Ao mostrar-lhe a medalha dourada que se encontrava no meu peito, ambos nos abraçamos e choramos copiosamente. Naquela data eu não ganhei somente um campeonato. Tenho em mente que naquela ocasião o destino me forneceu algo muito melhor: trouxe o meu grande herói de volta para os meus braços!

A INFÂNCIA ERA MAIS DOCE

Sérgio Barbosa Junior

Já havia semanas que eu, com a grande experiência dos meus 6 anos de idade, acordava instintivamente toda madrugada. Mesmo com sono pesado – ainda hoje é assim – eu levantava elétrico e fazia questão de acordar a casa toda. Bandeira na janela, televisão ligada, era a Copa do Mundo de 2002 na tela. Ronaldo, Rivaldo e Ronaldinho, um dos melhores trios em campo até hoje. Mesmo quando a zaga de Lúcio e Roque Júnior colocava tudo a perder – como contra a Inglaterra – este trio salvava o dia com certa facilidade.

Após assistir os primeiros jogos do torneio comecei a me arriscar nas aulas de educação física da escola. Inspirado nos garotos maiores, eu aprendi a matar no peito como o camisa 10, gingava como o jovem camisa 11 e até mesmo ensaiava finalizações de bico como o matador do número 9. No entanto, a febre da bola não parava ao som do alarme que ditava o fim da aula. Não, a aula estava apenas começando. Todos os garotos se reuniam no pátio em um grande esquema de troca, aposta e até mesmo roubo de figurinhas do famigerado álbum do torneio. As figurinhas brilhantes valiam por três das normais.

Na hora de ir para a cama eu mal podia dormir de ansiedade, aguardando o despertador tocar às 3 horas da madrugada. A cada jogo que passava, a emoção era maior. Queria ver mais vitórias do Brasil. Ora, como poderia perder aquele time que trazia tanto encanto dentro de campo? Na minha jovem cabeça, que não tinha idade o suficiente para lembrar dos três gols da França, em 1998, a possibilidade era simplesmente inexistente. Meu Brasil era e sempre seria imbatível.

Eis que chega o grande dia. Acordo de manhãzinha e me pergunto o que aconteceu com o cabelo de meu artilheiro favorito. Mal sabia eu que se tornaria moda por alguns meses. Tanto faz, o jogo vai começar. Coloco-me no sofá junto com a família. Mas onde está a minha irmã?

Não é possível que durma no dia mais importante do ano! Acorda, acorda que vai começar! Em meio a alguns roncoss ela diz que já assistiu ao jogo e que o Brasil levou uma goleada da Alemanha. Está delirando, só em sonho mesmo, penso eu. Mas engulo seco quando o árbitro apita o início de partida. Não vai perder, não pode perder. Bola no travessão... Uhhhh. Vamos lá Brasil, metade do segundo tempo e nada ainda? Podia a previsão de minha irmã estar correta?

Eis que Oliver Kahn bate roupa. Eu não consigo acreditar. É dele, só poderia ser dele, o melhor do mundo! E ainda viria mais um. A rua explode de emoção. Nunca se ouviram tantos fogos que não fosse durante as festas pelo novo ano. Fim de jogo e digo à minha irmã que não poderia ter estado mais enganada. Saio correndo para a rua, asfalto pintado de verde e amarelo. Feliz era eu que não sabia, que anos mais tarde, dolorosamente, as palavras de minha irmã se realizariam como uma profecia.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010.

BICUDO, Francisco. *Crônicas boleiras*. São Paulo: Chiado, 2016.

GURGEL, Anderson. Blog Comunicação e Esporte. Disponível em: <<http://andersongurgel.com.br/>>. Acesso em: 16 out. 2016.